

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
1



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.



Suplemento
literário
do Jornal A União
M a r ç o
2025

Políbio Alves

Com a obra reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba, escritor e poeta lança o romance "Aquele Homem Devorava Ervas Amargas"

PROMOVA A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE DO SEU NEGÓCIO COM OS SERVIÇOS DO BRAILLE A UNIÃO

- **IMPRESSÃO BRAILLE E BRAILLE-TINTA EM DIFERENTES FORMATOS GRÁFICOS**
cardápios, folders, cartilhas, marcadores de páginas etc.
- **AUDIODESCRIÇÃO EM QR CODE**

Utilize o QR Code
para acessar nosso
vídeo institucional
com acessibilidade



MARKETING EPC

SOLICITE UM ORÇAMENTO:
brailleauniao@epc.pb.gov.br
(83) 3218-6500 / (83) 98201-9809



Braille

A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

“**E**screvo para não morrer de silêncio”. Esse é o grito de Políbio Alves, cuja obra foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba, em 2022, quando o autor já entrava na casa dos octogenários. “Para mim, é o maior orgulho de estar vivo e ser reconhecido em vida”, chegou a dizer o paraibano nascido em João Pessoa, que coloca as veias da cidade pulsando nos seus versos, contos e romances.

Tanto que o Varadouro, localizado no Centro Histórico da capital paraibana, protagoniza novamente como “musa” de uma obra sua, que está saindo neste semestre: *Aquele Homem Devorava Ervas Amargas* (Editora A União).

Iniciado em 2008, o livro foi repensado, reescrito e rasgado várias vezes, até ser finalmente parido pelo autor, com base nas histórias iluminadas do avô paterno, Zé da Luz.

Nesta edição, além de esmiuçar o novo livro, vamos escutar os gritos da vida e da trajetória de Políbio Alves, o homem que escreve para não morrer na vastidão do silêncio.

Ano 76 com nova roupagem

Neste primeiro número do ano 76 do *Correio das Artes*, apresentamos o suplemento literário de **A União** com uma nova identidade visual.

O objetivo é unir o conteúdo de qualidade com uma beleza visual que preza pela legibilidade e equilíbrio entre imagem e texto. Entre as novidades, a estreia da seção *Ensaio*, que apresentará belos registros autorais de um grande fotógrafo, com tema livre.

Baseado em um leque maior de cores e na leveza, o novo projeto visual não seria o mesmo sem as concepções e criações do técnico em artes visuais, Bruno Chiossi, e a arrojada diagramação e colaboração de Débora Borges.

Uma prazerosa leitura a todos!

VERSOS 17

Amador Ribeiro Neto homenageia os 94 anos do poeta concretista Augusto de Campos

ENSAIO 28

Roberto Guedes traz seus registros em movimentos e cores de oito edições da Festa de Iemanjá

PLEITOS 38

No tempo em que os periódicos elegiam os príncipes dos poetas e dos prosadores brasileiros

RESENHA 42

Uma leitura sobre “Ensaio de Tempo”, nova coletânea de José Edmilson Rodrigues

ANÁLISE 44

A fabulação e o ensaio artístico de “Os vulneráveis”, obra da estadunidense Sigrid Nunez

CONTO 52

Tatiana Cunha mostra o que pode acontecer no feriado de uma “Quinta-Feira Santa”



Correio
das Artes

SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Domingos Sávio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Foto: João Pedrosa



Políbio Alves

Ele escreve, logo existe

Escritor e poeta apresenta sua mais nova obra, um romance que tem raízes históricas, fundamentadas às margens do Rio Sanhauá e no Varadouro, que foi “decantado” desde 2008, refletindo o minucioso trabalho produtivo do paraibano

Alexandra Tavares

alexandrajornalista@gmail.com

Assim como o bairro pessoense do Varadouro exerce uma força especial na obra do poeta e ficcionista paraibano Políbio Alves, 84 anos, a literatura lhe preenche a alma de homem e de artista. Os 10 livros publicados são seus únicos filhos, frutos da união que mantém há décadas com a ficção e a poesia, fiéis companheiras de jornada. Neste semestre, ele lançará mais um título — *Aquele Homem Devorava Eroas Amargas*, pela Editora A União. Iniciado em 2008, o romance reflete o minucioso trabalho produtivo de faz e refaz do autor em busca do aprimoramento da criação, prova de que não foi por acaso que a obra polibiana é reconhecida, desde 2022, como Patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba.

“Não sou um escritor que tenha pretensão de publicar livros todo ano. Quando estou trabalhando com texto, seja romance ou poesia, deixo repousar por um período indeterminado. Anos depois, volto com uma disposição beneditina de devorá-lo. Ou seja, reescrever, corrigir, rasgar laudas e mais laudas. Exatamente. Gosto de esgotar, esmiuçar página por página, toda morfologia linguística e ortográfica”, contou Políbio.

A ideia de escrever o livro teve como base as histórias narradas pelo avô paterno do autor, Zé da Luz. Foi ele quem atizou a imaginação do neto e, direta ou indiretamente, lhe plantou sementes de um contador de histórias. Em 2018, *Aquele Homem Devorava Eroas Amargas* foi dado como pronto, mas para um criador perfeccionista ainda eram necessários alguns ajustes para só então lançar a criação ao mundo.

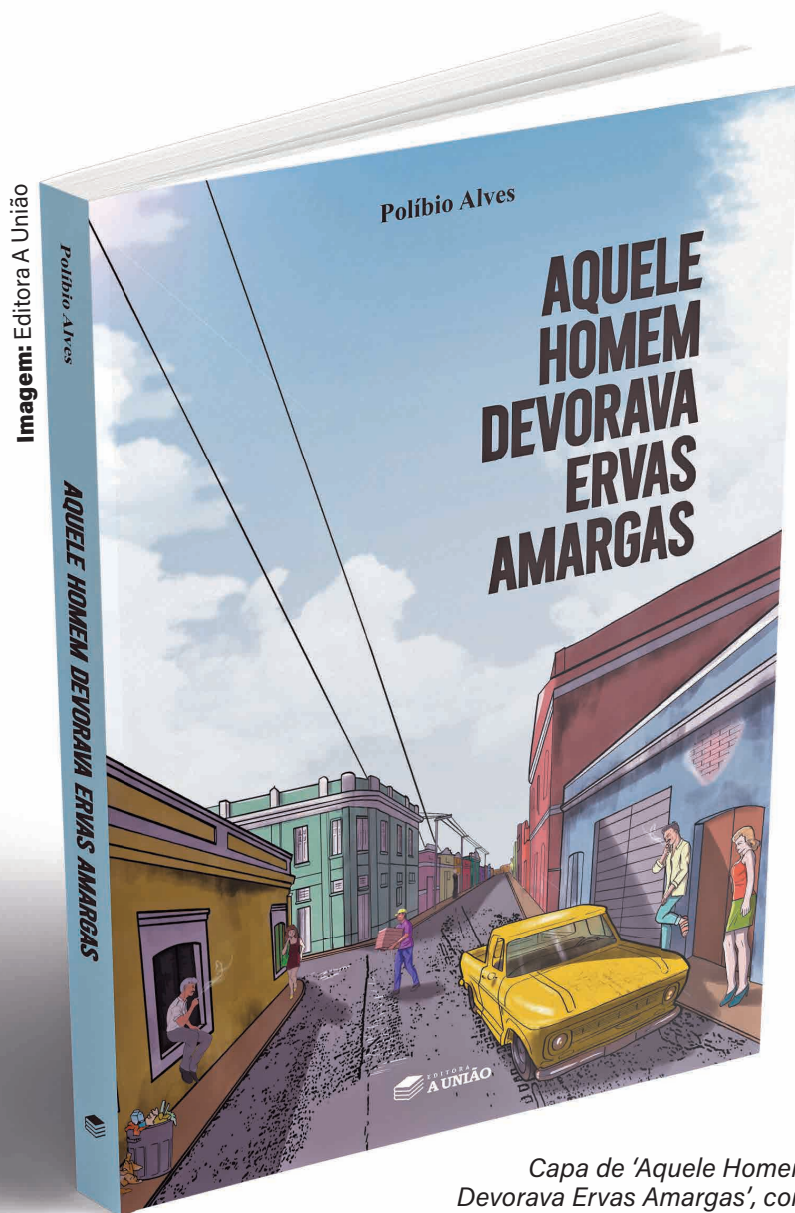
Aquele Homem Devorava Ervas Amargas é uma história ficcional que tem como personagens um senhor feudal com toda sua opulência machista. Como explica Políbio Alves, há também uma esposa submissa aos caprichos e desmandos do marido. “O texto tem raízes históricas, fundamentadas às margens do Rio Sanhauá e no Varadouro”, diz, acrescentando que a publicação busca transmitir elementos da incompreensão humana e da solidão em família.

Segundo o escritor e professor Luiz Augusto Paiva, que integra o conselho editorial de **A União**, esse livro foi analisado e obteve aprovação unânime do grupo. “Trata-se de uma obra primorosa, que vai vasculhar os recantos sombrios da alma humana, num enredo que se passa onde o autor conhece muito bem: o Varadouro”, enfocou Paiva, que também é presidente da União Brasileira dos Escritores — Seção Paraíba (UBE-PB).

Até a publicação desta edição do *Correio das Artes*, a data para o lançamento do livro ainda não estava definida, mas o escritor afirmou que a apresentação da obra ocorrerá na Livraria A União — Poeta Juca Pontes, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em Tambauzinho, na capital paraibana, local onde o leitor também poderá adquirir o título.

Além dessa obra, Políbio está com um projeto novo, mas não revelou mais detalhes. Apenas se limitou a dizer que trata-se de uma coletânea de contos, ainda sem título.

Segundo o escritor e professor Luiz Augusto Paiva, o novo livro de Políbio é “uma obra primorosa que vai vasculhar os recantos sombrios da alma humana”



Capa de ‘Aquele Homem Devorava Ervas Amargas’, com um enredo no local onde o autor conhece muito bem: o Varadouro, no Centro Histórico de João Pessoa

Foto: Evandro Pereira



Memória afetiva

O que chama a atenção em *Aquele Homem Devorava Ervas Amargas* é que mais uma vez o bairro do Varadouro entra em cena, lugar onde ele morou dos sete até os 12 anos de idade. Os casarões seculares, as ladeiras, os becos, o Hotel Globo e o Porto do Capim são citados pelo autor paraibano como elementos que constituem uma perene fonte de encantamento.

Naquele final da década de 1940, todo esse cenário era visto por um Políbio ainda criança, de poucos recursos, que morava na Avenida 5 de Agosto, com seis irmãos e a mãe — Luzia Alves dos Santos, já viúva do caixeiro-viajante Severino Pedro dos Santos. Porém, pouco antes de morar no Varadouro, a família Alves residiu em um bairro vizinho, a Ilha do Bispo, banhado pelas águas do Rio Sanhauá e seus afluentes, ambientando Políbio com a Cidade Baixa pessoense. A área da Ilha do Bispo se estende até o município de Bayeux.

“Essa criança de seis anos sou eu. Num amanhecer de junho, saí de casa, lá na Ilha do Bispo, com a disposição de catar aratu, objeto de nossa alimentação caseira. Conheço o Rio Sanhauá de uma margem a outra. Sobrevivi à morte. Quase morri afogado num redemoinho de lama próximo à Ponte do Baralho, em Bayeux. Se não fossem os pescadores de caranguejo, eu não estaria aqui para relatar essa história. Os fatos ficaram instigando as lembranças entre o pavor e o medo de morrer no mangue durante as andanças rio abaixo, rio acima em busca de crustáceos”, declarou. Mesmo com o grande susto, no dia seguinte, o jovem Políbio voltou ao rio para catar caranguejo. “Ora, era comida

Foto: João Pedrosa



No Varadouro, os casarões seculares, as ladeiras, os becos, o Hotel Globo (acima) e o Porto do Capim são elementos de uma perene fonte de encantamento do autor

garantida na mesa”, frisou. Outras lembranças do tempo em que viveu na Cidade Baixa são os afetos e a generosidade de dona Berta, proprietária de um cabaré que funcionava em um casarão colonial. Nos fundos do imóvel, dona Berta reservava um ambiente para alfabetizar meninos e meninas que viviam em condição de extrema pobreza, no Varadouro.

“Pela primeira vez em sua companhia, eu e outras crianças escutamos Beethoven, Tchaikovsky e o melhor da música popular brasileira. Mais tarde, Berta foi vítima de uma denúncia infame. Um telefonema anônimo comunicava a polícia e ao juizado de menores que ela estava pervertendo crianças. A polícia e o fiscal de menores constataram outra história. Eles se depararam com Berta nos fundos do seu estabelecimento, junto a um quadro negro, ensinando uma conta de somar”.

Políbio afirmou que era malvisto pelo Juizado de Menores, porque vagava de porta em porta nos bordéis da velha cidade. “Berta me despertou para a vida assinalando os equívocos e as perspectivas futuras quanto aos estudos e à poesia. Ela me alertou: ‘Não tenha pressa em publicar agora. Você ainda é uma criança’”. A declaração demonstra que os

dotes do poeta para a escrita afloraram logo cedo.

A vida do escritor não tinha um paradeiro certo de morada, pois tudo seguia conforme as necessidades econômicas e oportunidades que o destino lhe trazia. Por volta dos 12 anos, ele e a família voltaram a morar no bairro onde nasceu, Cruz das Armas. A partir de então, o primogênito da família Alves foi trabalhar no Paraíba Palace Hotel, um dos mais glamourosos da capital paraibana naquele início da década de 1950. Apesar de ser criança, o trabalho que exercia era árduo mesmo para um adulto, pois o expediente começava às 12h e terminava às 6 da manhã. “Trabalhava na limpeza geral, limpei muita privada e o gerente não gostava de mim. Lá eu não dormia, só cochilava”.

A dura jornada perdurou até 1963, quando o paraibano, aos 22 anos, decidiu ir para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades. Alfabetizado pela própria mãe e ex-aluno de Berta, ele estudou até o segundo ano do Clássico no Liceu Paraibano, mas almejava fazer um curso superior. Foi com esse propósito que fixou residência no então estado da Guanabara, trabalhando nas mais variadas atividades para poder se manter, inclusive

fazendo bicos em restaurantes. “Só não fui assaltante e travesti, o resto eu fiz”, contou.

Políbio chegou a cursar Jornalismo em uma universidade particular, em Niterói, e trabalhou em periódicos como o *Jornal da Manhã*, mas, apesar do excesso de trabalho na cobertura das notícias, o salário não era suficiente para sobreviver. Mudou de curso e se formou em Ciências da Administração, sendo aprovado em um concurso público na área em que havia se formado. No Rio, ficou até 1980.

Quando voltou à Paraíba, se dedicou a um novo concurso público e foi aprovado para o cargo de auditor fiscal, do Ministério do Trabalho, atividade a qual se aposentou. Entre as experiências na imprensa paraibana, ele escreveu para a revista *Correio das Artes*, quando a publicação tinha Jurandy Moura como editor, no início dos anos 1980. De acordo com Políbio, os dois eram amigos e Jurandy o ajudou a divulgar a sua produção.

Quanto à experiência no suplemento literário, ele a denominou de fantástica e prazerosa. “E até mesmo delirante. Era incrível saber que meus poemas e contos eram lidos e analisados, mensalmente, na revista. Orgulho para o autor e também para o ciclo de amigos e leitores, doravante”.

Foto: João Pedrosa



Ainda na Cidade Baixa, Políbio Alves visita a rua onde passou a infância

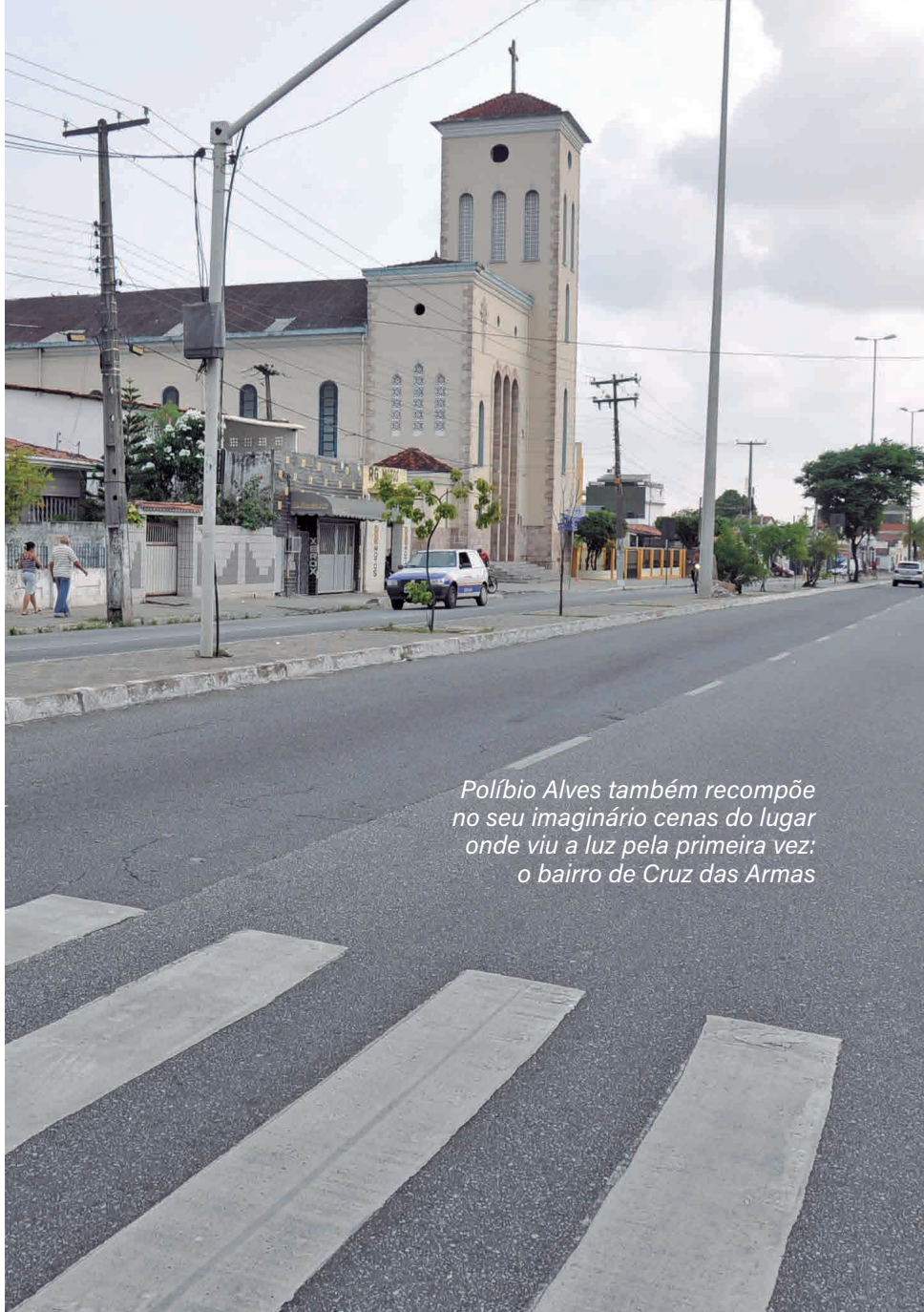
Berço da prática literária

Mesmo guardando até hoje uma forte memória afetiva do bairro do Varadouro, Políbio Alves também recompõe no seu imaginário cenas do bairro de Cruz das Armas, lugar onde nasceu. Na década de 1940, era um dos locais de visibilidade da capital do estado, sede do 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, unidade relevante na Revolução de 1930. Cruz das Armas também se dividia entre as moradias mais modestas e os casarões que abrigavam famílias mais abastadas, como os que estão em torno da Praça Bela Vista. Neste ambiente, Políbio nasceu, em um lar humilde, condizente com a condição financeira da família.

No reduto onde nasceu, o qual Políbio chama de “bairro operário”, o escritor despertou o interesse pelos livros e pela arte de contar histórias. De origem pobre, Luzia Alves dos Santos, mãe do paraibano, não tinha condições de custear os estudos preliminares do filho, tomando a iniciativa de ensinar-lhe as primeiras letras. Ela ainda se dedicava, com Zé da Luz, o avô do menino, a inebriar a mente de Políbio com “as histórias de trancoso”, de reinos encantados e lendas. “Os fatos cotidianos narrados por dona Luzia e por Zé da Luz constituem inimaginável suporte da minha obra literária”, afirmou o literato.

Segundo ele, ao lado da casa onde morou existia uma escola clandestina, dessas de fundo de quintal, gerida por dona Nice. A mulher alfabeti-

Foto: Ortilo Antônio/Arquivo A União



Políbio Alves também recompõe no seu imaginário cenas do lugar onde viu a luz pela primeira vez: o bairro de Cruz das Armas

zava a maioria das crianças do bairro e adjacências. “Eu tinha cinco anos quando, um dia qualquer, sentei-me nos bancos da escola. E, quando dei por mim, já estava participando das aulas. A descoberta dos livros nas estantes enferrujadas de dona Nice motivaram prolongadas leituras”.

Outro objeto utilizado era o dicionário, cujo manuseio tornou-se habitual e ajudava Políbio a assinalar melhor o significado das palavras desconhecidas encontradas nas publicações. As leituras proporcionaram, ao menino, a ousadia de expurgar as imagens renitentes na memória.

“Esse estado de deslumbramento motivou a continuidade de praticar o uso da palavra escrita. A produção dos meus textos começou, portanto, na escola de dona Nice. Ali, debaixo das carteiras, eu depositava meus poemas. Eu queria que o alunato lesse minha escrita poética”, lembrou o escritor. “Isso não foi o suficiente para amenizar a inquietude memorialista pelo ato da escrita. A criança pobre, no meu caso, não comemorava aniversários, tampouco tinha brinquedos. Os livros foram meus divertimentos numa euforia infinita”.

Obras

Apesar de os primeiros lampejos para a escrita surgirem por volta dos seis anos de idade, quando ele já rabiscava alguns versos, o primeiro livro só veio em 1983 com a publicação do conto *O que resta dos mortos*. Seguindo a cronologia dos 10 títulos lançados, em seguida vieram *Varadouro* (poesia, 1989); *Exercício lúdico — invenções & armadilhas* (poesia, 1991); *Passagem branca* (poesia, 2005) e *Os objetos indomáveis* (poesia, 2013).

Em 2015, o escritor publicou *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer* (contos); depois lançou *La Habana Vieja: olhos de ver* (poesia, 2015) e, em 2017, veio *A leste dos homens* (romance). Os dois últimos foram *Acendedor de relâmpagos* (poesia, 2018) e *Outono — memorial da escritura* (romance, 2024).

Traduzido para o espanhol, o livro *Lo que queda de los muertos* (1998, pela Editorial Arte y Literatura) faz parte do acervo da Casa das Américas, em Cuba. O escritor tem forte identificação com o país insular e associa o bairro pessoense do Varadouro com a principal cidade cubana, Havana. Essa ligação pode ser vista em *La Habana Vieja*.

Segundo lar

Além dos bairros do Varadouro e de Cruz das Armas, o poeta têm alguns recantos preferidos em João Pessoa. Um deles é a Livraria do Luiz, no Centro, local que ele chama de segunda casa. “Tenho duas residências. Uma, onde se encontram a minha escova de dente e o meu sabonete. A outra, é o Café Literário, da Livraria do Luiz, que se tornou a extensão da minha biblioteca. É lá onde compro livros e recebo os amigos para desanuviar a memória, as amizades e os afetos”.

Censura ao Calabouço

Os desafios enfrentados por Políbio Alves ao longo da trajetória foram além das dificuldades financeiras e da falta de oportunidades para se firmar como escritor. Durante a ditadura militar, o regime ditatorial impactou fortemente a vida do escritor paraibano, que chegou a ser preso mais de uma vez. Uma delas foi em maio de 1968, quando foi levado para o Destacamento de Operações de Informações — Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), sendo interrogado e torturado.

O motivo da prisão foi o fato de Políbio publicar textos na *Tribuna da Imprensa*, jornal que fazia oposição ao governo, e também lecionar no Calabouço, que era o Restaurante Central dos Estudantes, no Rio. “O Calabouço era um foco de resistência e de lá saíam os pi-

quetes contra o governo. Lógico que em sala de aula eu dizia que o povo tinha de protestar”, declarou o poeta.

Durante o interrogatório, a polícia mostrou uma fotografia de Políbio na passeata realizada por uma multidão que protestava contra a morte do estudante Edson Luiz de Lima Souto, assassinado no Calabouço com um tiro à queima-roupa por um policial militar. Era a Passeata dos 100 mil. Ao ser questionado se era ele quem estava na fotografia, Políbio confirmou.

Após a sessão de tortura, ele foi liberado, porém, com muitas marcas das agressões sofridas, tendo, por exemplo, as mãos queimadas e o rosto e pernas machucados. A violência, porém, não silenciaram o poeta. Quando voltou para a casa, ao invés de se esconder, como era costume das vítimas torturadas, Políbio começou a escrever uma espécie de diário dos horrores vividos na prisão e enviou cada texto ao Ministério da Guerra.

Foto: João Pedrosa



No documentário realizado há cerca de 10 anos, por Hélio Costa, intitulado *Eis aí, um poeta!*, Políbio resume sua trajetória de vida e revela que a intenção desse gesto era mostrar a sua indignação diante da violência da época. “O grande jurista Sobral Pinto, que tomava conta da gente no Rio nessas situações, disse que eu estava assustando o pessoal da repressão com esse meu ato de entregar um relatório ao Ministério da Guerra. Sobral disse que a minha indignação era maior do que a repressão”, declarou o escritor no documentário.

A marcas deixadas pela violência do regime totalitário não ficaram apenas na mente e no corpo de Políbio, que ficou cerca de um ano com sequelas nas pernas, mas também repercutiram na sua arte. No Rio de Janeiro, ele escreveu o romance *O estranho brilho nos olhos do cão*, o trabalho, porém, foi totalmente perdido. “Não tenho mais esse texto. Foi destruído ou queimado pela ditadura”, revelou.

Em entrevista ao *Correio das Artes*, Políbio destacou que o Ato Institucional nº 5 (AI-5) sequer respeitou o artigo 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que versa sobre o direito da pessoa em ter sua vida privada protegida de intromissões arbitrarias e que, em caso de violação desses direitos, a vítima tem direito à proteção da lei. “Perdi a noção do espaço, em um tempo em que fui submetido a todos os tipos de tortura. Não consigo esquecer os horríveis cubículos com ladrilhos tatuados de vômitos. E nem as argolas presas no teto, impregnadas com o sangue dos mortos na prisão”, confessou.

Um dos livros do paraibano, *A leste dos homens*, lançado pela primeira vez em 2015, em língua espanhola (*Al este de los hombres*), descreve e denuncia as atrocidades da Ditadura Militar no Brasil. Em uma das páginas, o autor escreve: “Os militares, em março de 1964, violaram a democracia colocando as barricadas, os cães amestrados e os tanques nas ruas,

numa perspectiva de morte anunciada. Ah! Isso eu posso dizer. Porque sobrevivi ao massacre”.

Segundo a escritora e crítica literária Elizabeth Marinheiro, que conhece o poeta desde os anos 1990, Políbio “é um ser humano que não se curva aos poderes, recusa dogmas e propõe um mundo mais igualitário, mais democrático e menos violento”. Também se distanciou das chamadas redes sociais, dos equívocos digitais, enfim, dos métodos acachapantes vigentes na contemporaneidade”.

Ela contou que conheceu o paraibano quando publicou, no livro *Novos hábitos de leitura* (lançado em 1990), o poema *Xerox*. “A partir daí, previ seu futuro literário e pontuei a tendência semiótica no bom uso dos recursos gráficos. Minha atividade analítica independe de amizades pessoais”.

Foi por incentivo de Elizabeth Marinheiro que as obras do paraibano chegaram até a Casa das Américas, em Cuba. Bastante ativa no meio literário, a crítica e pesquisadora costumava viajar para vários países. No documentário *Eis aí, um poeta!*, Políbio descreve essa experiência. “Aqui em João Pessoa, existe uma professora, doutra, Elizabeth Marinheiro, que em suas andanças pelo mundo levava o texto do escritor ainda desconhecido da mídia [para outros países]. E foi em uma dessas andanças, que meu texto chegou a Casa das Américas”, disse Políbio.

Um dia o paraibano recebeu uma comunicação pedindo que ele enviasse mais 10 livros a Cuba para que passassem por uma análise. Esse julgamento decidiria se as obras poderiam fazer parte do acervo da Casa das Américas. Mesmo com dificuldade para enviar os títulos, já que naquela época não era



Escritor e poeta na tradicional Livraria do Luiz, no Centro da capital paraibana, local que ele chama da sua segunda casa

Escritor tem uma forte identificação com Cuba e associa o bairro pessoense do Varadouro com Havana, ligação que pode ser vista em “La Habana Vieja: olhos de ver”

qualquer publicação que chegava em terras cubanas, Políbio enviou a remessa. “Tempos depois, recebi o comunicado que meu livro fazia parte da Casa das Américas”, enfocou ele.

Olhar sensível

Mesmo passando por experiências traumáticas ao longo da vida, o paraibano preserva o olhar sensível para a realidade que o cerca, refletindo essa postura nas suas obras, seja em prosa ou em verso. “Em sua poética, há alguns eixos muito significativos: a tonalidade social isenta de panfletarismo, a força do lirismo sem pieguismo e a temática urbana sem ponto de partida, nem ponto de chegada. Na qualidade de *homo-viator*, ele descobre que nas águas do Sanhauá ‘as artérias estão sangrando’ (in *Varadouro*, p. 68)”, destacou a escritora Elizabeth Marinheiro.

O olhar para a atualidade, para o que se passa na terra natal, também foi citado pelo escritor Luíz Augusto Paiva, que conhece Políbio há cerca de 10 anos. Ao falar da obra do artista, ele diz que um dos diferenciais são as temáticas atuais e o sentido intimista que o autor traz à escrita. “O diferencial está no estilo próprio e na temática bem atual, quer seja em sua poética, como nos textos em prosa. Entre as características, também está o sentido intimista, revelando nele as angústias da humanidade. É uma poesia abrangente”.

Segundo Paiva, apesar de ter dedicado toda uma vida à literatura, tendo como companhia a escrita e os livros publicados, o paraibano “não deixa de ter amigos e de ser muito admirado”. “No aspecto pessoal e afetivo a escrita lhe basta e é o que alimenta sua vontade de viver”, completou Paiva.

Foto: Julio Cezar Peres



Segundo a escritora e crítica literária Elizabeth Marinheiro, Políbio “é um ser humano que não se curva aos poderes, recusa dogmas e propõe um mundo mais igualitário, mais democrático e menos violento”

Uma potência lírica

A partir da leitura do livro *Varadouro* (1989), o professor Roque Nunes da Cunha se interessou pela obra polibiana. “Confesso que foi identificação imediata, não somente com o escritor, mas com a potência lírica do escrito. Foi quando decidimos, eu e meu orientador, encaminhar um projeto de doutorado, em 2019, sobre a obra polibiana”, frisou Roque. A partir de então, as publicações do poeta e ficcionista pessoense se tornaram fonte de análise no projeto *O Centro e a Periferia na Poética e na Narrativa de Políbio Alves*, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários (Doutorado), da

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

No estudo, o professor Roque defende a ideia de que o espaço narrativo, na “construção literária do autor, é elemento não só composicional da obra, mas parte integrante, transformadora e partícipe da construção literária”, como um aspecto diferenciador das personagens e que revela a força construtora de um mundo que se renova e se transforma na evolução narrativa. Durante a pesquisa, ele empreendeu um olhar mais atento sobre a forma como Políbio construía cada texto, buscando o sentido mais profundo de um adjetivo, um advérbio, uma interjeição adotada pelo autor dentro de uma postura analítica da prosa e da poética.

Roque da Cunha afirmou que o romance *Varadouro* o chamou

a atenção por causa da potência lírica da escrita, a transformação da poesia época que, não fugindo à grandiosidade do texto poético, traz a vida das pessoas da periferia — esse espaço que, quando se publica algo oriundo dele, diz-se “marginal”, em oposição à literatura de centro. De acordo com ele, Políbio transforma não somente o seu espaço, mas o universo em que se desenvolve a narrativa, quase apagando as fronteiras entre o que se chama centro e o que se chama periferia.

No início da pesquisa, o professor também se debruçou sobre a obra *Acendedor de relâmpagos* (poesia, 2018). “Confesso que são poucas as obras literárias que conseguem mexer com meu íntimo, mas a força lírica dessa obra, a indignação presente em cada palavra, a ânsia quase sufocante da construção épica não permite ao leitor sair sem aquilo que eu chamei na tese de ‘desconforto ambíguo’”.

Segundo ele, Políbio Alves é um autor consagrado no exterior, traduzido e lido, mas em sua nação é um “ilustre desconhecido nos grandes centros culturais urbanos”. No Mato Grosso do Sul, ele contou que, antes do trabalho de doutorado, o nome de Políbio era o que ele chama de “um ilustre traço”. “E desde então envidamos esforços para em congressos, seminários, fóruns de discussão literária, levarmos o talento e a obra de Políbio, com análises e discussões, para o público acadêmico e demais leitores que desejassem conhecer esse artista”.

Além de buscar outros estudos sobre o tema ao longo da pesquisa, o professor manteve contato periódico com o artista paraibano por telefone. A cada diálogo, Roque da Cunha conseguiu captar características do interlocutor que transcendiam ou até mesmo corroboravam com

a escrita. As conversas ocorriam durante quase todo fim de semana. “Eu mais ouvindo do que falando e me encantando com um senhor que tem a energia de um adolescente, a compreensão de mundo de um filósofo e o coração de uma criança”.

Estética

Classificar a estética do escritor paraibano usando uma metrificacão de escolas literárias é, para Roque Nunes da Cunha, uma missão difícil porque trata-se de uma escrita “complexa, rápida e cortante”. De acordo com ele, o romance polibiano é um exercício de introspecção, de um diálogo em que o artista provoca o leitor, espicaça e o conduz a percepções espaciais em que o sagrado e o profano se misturam, em que a vida e a morte reciclam o mundo e buscam novas significacões para o humano.

Já o conto do autor “é rápido e veloz” e, para Roque, é nesse gênero literário que o paraibano atingiu o ápice da construção narrativa, lançando mão de vários recursos, como a bricolagem e a narrativa monossilábica.

“Um leitor desatento tropeça com facilidade nos advérbios e interjeicões que o artista constrói com um significado pleno. Mas, Políbio também é um provocador — e aqui no sentido mais positivo, pois seus contos podem ser lidos um a um, ou podem ser lidos apenas seus títulos. Nessa dupla leitura, eu me convenci de que não estava tratando apenas de um contador de história, mas de um gênio da linguagem, que oferece duas experiências em uma só”, frisou.

Com relação à poética do paraibano, o professor a considera um laboratório de experimentacão da linguagem e da observacão social, uma vez que a escrita poética do paraibano passa da linguagem grandiloquente da

epopeia, para a linguagem mais simples de uma roda de conversa. Mesmo assim, Roque diz que “tudo fica encaixado, sonoro, coeso, que o leitor passeia de um espaço a outro percebendo essas mudancas e se encantando com as mesmas”.

Nas características citadas acima, podemos encontrar a explicacão para a dificuldade dos teóricos identificarem a obra polibiana, dentro de uma manifestacão de escola literária.

“Sua poesia vai da grandiosidade de um Homero a uma prosa fiada de botequim, mas sem perder a naturalidade, a força literária, a beleza estética, isso sem contar os diversos temas que ele arranca do que chamamos de ‘lado negro da alma humana’ e alegoriza em seus poemas. Ele não se classifica como ‘artista regional’ dado ao universalismo de sua produçao estética, mas também não se deixa classificar como universal dada à visao espacial regional de sua escrita”, completou Roque.



Foto: Arquivo pessoal

Para o professor Roque Nunes, o romance polibiano é um exercício de introspecção, de um diálogo em que o artista provoca o leitor

O que o escritor paraibano fala, inspirado no Varadouro, na antiga Paraíba do Norte, é universal

Foto: João Pedrosa

Narrativa com influência da literatura indígena

A etnolinguista Roselis Batis-tar atua como tradutora em São Paulo, mas residiu alguns anos na França e trabalhou na Universidade de Reims Champagne-Ardenne. Durante as atividades acadêmicas em terras francesas, ela teve contato com a obra polibiana em palestras e seminários de literatura. No entanto, a apresentação entre os dois ocorreu por meio do pai de Roselis, o jornalista Oduvaldo Batista (já falecido) e logo os dois se tornaram amigos. Segundo ela, a obra de Políbio é complexa e apresenta, inclusive, traços indígenas.

Roselis afirmou que traduziu a publicação *O que resta dos mortos* para o francês e tomando esse livro de Políbio Alves como exemplo explicou que é muito difícil catalogar a obra do escritor. “Falando dessa obra em particular, e não é a única, há alguns capítulos que parecem contos e outros não, como se houvesse uma sequência interrompida ou por contos, ou por algo que parece até uma crônica. É muito interessante, o que parece uma literatura naturalista, uma literatura romântica ou alguns trechos que parecem com a literatura sentimental. Políbio, mesmo que ele não saiba, tem uma influência da nossa literatura indígena”, comentou.

De acordo com ela, nesse tipo de narrativa, o autor retoma o que escreveu ultimamente, seja no último ou penúltimo verso e está sempre indo e voltando como um alinhavo na condução do texto. “E a narrativa de Políbio Alves, na minha opinião, é um alinhavo também. Então, eu digo isso na

introdução que fiz em francês da obra *O que resta dos mortos*”.

Ela também destacou que há momentos na obra do pessoense que ele questiona o que é a criação para o escritor e o que o escritor procura. Nesse ponto de vista, há o aspecto filosófico da narrativa, que é chamada por Roselis de obra pedagógica. “Mas não é a pedagogia para qualquer escritor de esquina, não. É para uma pessoa que realmente está muito avançada na literatura”.

O fato de Políbio Alves ser poeta e também autor de textos em prosa é outro destaque que a etnolinguista faz, porque tamanha façanha é tarefa para poucos. Ela cita que o ilustre José Saramago (1922-2010) já dizia que era “mais escritor do que poeta”. Outros escritores conhecidos afirmam que são mais poetas do que escritores. “E Políbio é escritor e poeta, ele tem essa vantagem”.

Ervas Amargas

Uma das explicações de Roselis Batistar foi sobre o título do próximo livro que será lançado pelo paraibano: *Aquele Homem Devorava Ervas Amargas*. O próprio autor, ao ser indagado sobre a escolha da frase respondeu que trata-se de “uma metáfora das alegorias domésticas”.

No entanto, Roselis comentou que existe um sentido figurado forte no título, porque devorar significa comer com ânsia, então a pessoa tem muita fome. “Além do mais, são ervas amargas. A amargura já vinha antes do personagem que devora e que ainda vai ter muita amargura por diante para resolver, apesar de satisfazer, em princípio, a sua fome”.

Terra natal

A narrativa de Políbio Alves focada no estado onde nascera, a Paraíba, também é outra característica, outra marca do escritor. Roselis declarou que a inspiração



Foto: Arquivo pessoal

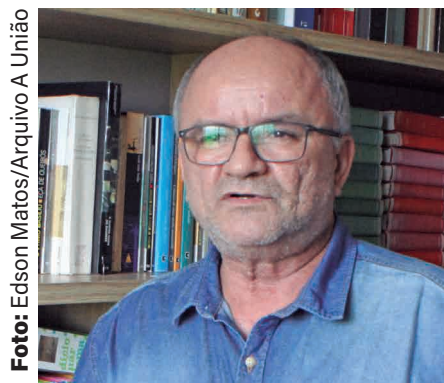


Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Etnolinguista Roselis Batistar (E) teve contato com a obra polibiana em palestras e seminários de literatura na França; já o professor Milton Marques Jr. (D) afirmou que Políbio é “o cantor de uma cidade quatrocentona e colonial, (...) guardando em seus casarios, ladeiras e ruas as lágrimas de sua história”

do paraibano é muito circunscrita a uma João Pessoa dos pobres, dos que comiam caranguejo e continuam comendo, a exemplo do que se vê em *Varadouro*. “Esse, eu chamaria de um poema da nova épica em que ele vai atrás da história dessa cidade e pergunta qual o progresso que ela teve? O que ele fala, inspirado no *Varadouro*, na antiga Paraíba do Norte, é universal. Não é somente de João Pessoa. A fome é universal, o racismo é universal, a ignorância é universal. E quando se traduz isso, seja para a língua inglesa, espanhola, ou qualquer outra, a pessoa vai entender que aquilo que se está trazendo à baila é universal e está inspirando esse magnífico escritor”.

Não é apenas Roselis que considera a obra do pessoense focada na terra natal. O professor Milton Marques Jr. afirmou que Políbio é o cantor de uma cidade quatrocentona e colonial, que chega a mais de 400 anos guardando em seus casarios, ladeiras e ruas as lágrimas de sua história. “Políbio conhece esta cidade cortada pelo Sanhauá, como um ‘músculo viajero’, ‘um nervo enfurecido’, em cujas margens estão os ‘homens feitos moluscos / na pele do mangue”.

De acordo com Milton Marques Jr., a dicção polibiana é cortante como lâmina voltada para uma terra em que a vida se

arrasta como caranguejo, sendo fonte de inspiração para um artista “que escreve para não morrer de silêncio”.

Sim, expor o que lhe vai n’alma e na mente são necessidades de Políbio. “Escrevo para não morrer de silêncio; ficar apático e indiferente, jamais. Esse estado de coisa instiga e fortalece a criação literária. Autor de texto não é tarefa das mais fáceis. Nem pensar ser conduzido pela escritura de qualquer escritor ou poeta. Nunca me ocorreu ser sombra literária de Drummond ou Graciliano Ramos, sequer Fernando Pessoa ou Hemingway”, enfocou o autor e acrescentou. “Isso não existe na minha formação literária. Escrevo apropriando-me das artimanhas devassas no rastro das palavras exatas. Não pertencço a nenhum grupo de escritores, cujo empenho consiste em escrever seus textos num brevíssimo espaço de tempo”, conta o autor.

O uso das palavras exatas vêm com talento e esmero no que faz, porém, o prazer na função que escolheu seguir por toda vida é o combustível para a busca a perfeição de suas criações. Políbio declarou que tem enorme prazer em manusear as palavras, não só na construção das frases, mas ao lê-las.

Para se tornar vivo e ter suas ideias ecoando em cada página, longe do silêncio do não existir,

ele não se furta de repetir o refazer quantas vezes foram necessárias os textos. “Na primeira cópia do manuscrito, procedo tantas correções quantas vezes sejam necessárias. A versão final ocorre após utilizar todas as experiências com as tessituras da linguagem. Eis então, a ousadia de se alocar nos meandros da escrita, em si. Isso os tornam infinitos”.

Segunda alma

Para o professor de Teoria Literatura da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG) e da Academia Paraibana de Letras (APL), José Mário da Silva, a ficção polibiana é comprometida com um sotaque social que foca as suas “lentes nas realidades que amesquinham e desumanizam o homem — nada, contudo, que resvale para a vala comum do mero panfleto, da militância partidária menor”. “Isso porque a sua carpintaria verbal se impregna, em todas as suas formulações verbais, de acentuado refinamento poético”.

Assim como Roselis Batistar, o professor declara que entre as peculiaridades narrativas do autor estão o lirismo, por vezes áspero, a linguagem entrecortada e fragmentada, expediente de que se vale para cartografar o real e os seus abismos e impasses. Segundo ele, a literatura para o poeta é algo inerente à sua própria existência. “Eu diria, pensando no mestre Machado de Assis, que, para Políbio Alves, a literatura, longe de ser um mero passatempo ou diletantismo ocasional, constitui-se numa espécie de segunda alma, sem a qual a sua existência resultaria inevitavelmente mutilada. Políbio é um ser congenitamente vocacionado para a arte-ciência de transfigurar, pelo poder estético das palavras, as suas experiências mais significativas”.

Mais sobre o autor

Nascido em 8 de janeiro de 1941, na capital paraibana, Políbio Alves dos Santos teve como irmãos quatro homens e duas mulheres. Os pais eram o caixeiro-viajante Severino Pedro dos Santos e a enfermeira Luzia Alves dos Santos. Foi alfabetizado pela mãe, estudou em algumas escolas do bairro onde morou e mais tarde foi aluno do Liceu Paraibano. No Rio de Janeiro, formou-se em Administração.

Mora sozinho no bairro de Intermares, no município de Cabedelo, e não tem filhos, vive na companhia dos livros. “Costumo dizer, entre os amigos, que permaneço sozinho. Entenda. Não solteiro. Porque solteiro é quem está ansioso por outra pessoa. Não estou à procura de ninguém”, disse o poeta. Para os afazeres domésticos, ele conta há 40 anos com os serviços de uma secretária.

Ao longo da vida recebeu prêmios e homenagens, entre elas o título de *Doutor Honoris Causa*, a mais alta honraria concedida pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2022. É detentor de prêmios literários como a Medalha Poeta Augusto dos Anjos da Assembleia Legislativa, em 2001, e a Comenda Cidade de João Pessoa, da Câmara Municipal, em 2002. O escritor tornou-se verbete da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza.

No ano 2000, o autor foi destaque internacional em uma coletânea publicada

em Trento, na Itália. O evento reuniu mais de 400 autores de diversas nacionalidades. Dois anos depois, Políbio foi um dos 120 finalistas do prêmio Nuevos, da Argentina. O poeta tem livros traduzidos para o inglês, castelhano e francês. Sua trajetória foi registrada, em 2017, no documentário *Eis aí, um Poeta!*, de Hélio Costa.

Em 2022, a obra polibiana foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado da Paraíba, por meio da Lei nº 12.313, de 31 de maio de 2022. Em 14 de junho do mesmo ano, a Câmara Municipal de João Pessoa aprovou também a sua produção literária como patrimônio imaterial.

Apesar dos reconhecimentos, Políbio Alves diz que é criterioso no ato de escrever, mas reconhece suas limitações. “Ainda não escrevi o meu melhor livro. Muito tarde. Estou na velhice”.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do ‘Correio das Artes’. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

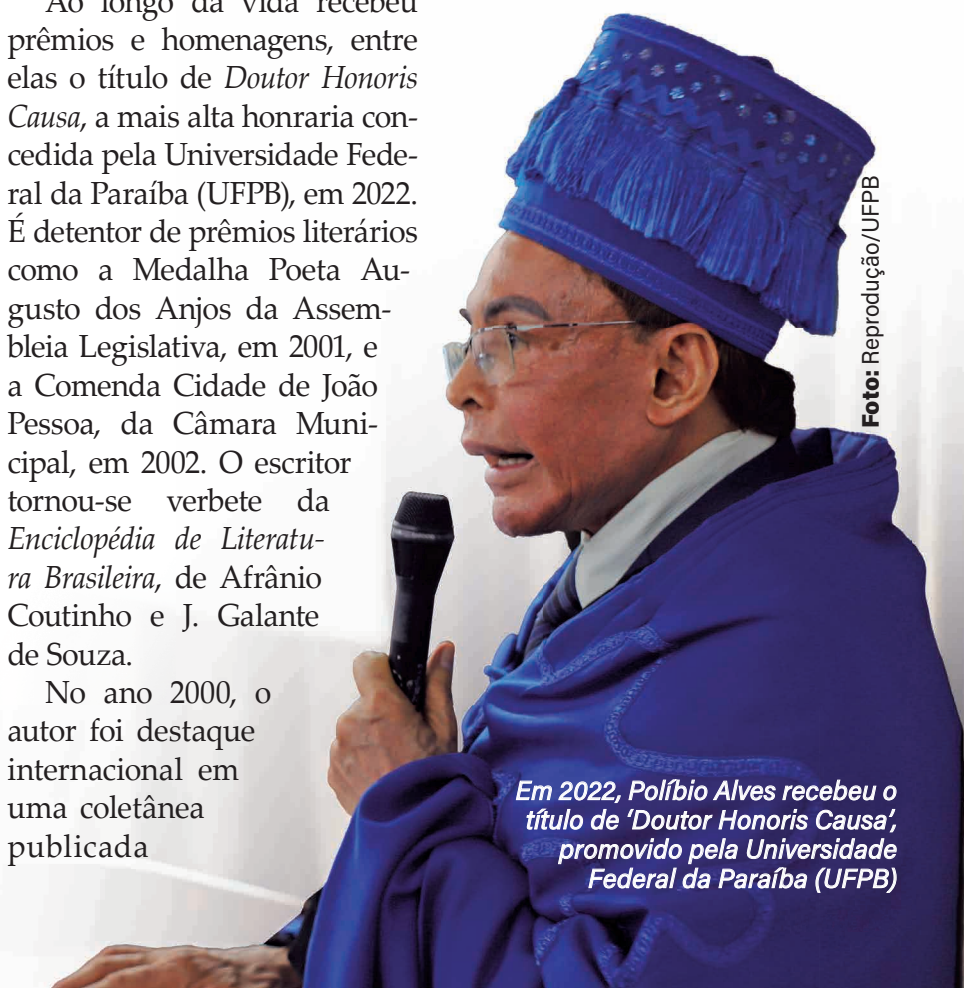


Foto: Reprodução/UFPB

Em 2022, Políbio Alves recebeu o título de ‘Doutor Honoris Causa’, promovido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Amador Ribeiro Neto
amador.ribeiro17@gmail.com

Festas

semióticas



Augusto de Campos, um dos criadores do concretismo, lançou recentemente a obra 'Pós-poemas'

Augusto de Campos, 94 anos

Augusto de Campos completou 94 anos no dia 14 de fevereiro passado. No mesmo dia, lançou *Pós-poema*, que anuncia como seu último livro de poesia. Não vai parar de escrever. Mas agora espaçadamente. *Pós-poemas* (Perspectiva, 2025) fecha a tetralogia que compreende *Despoesia* (1994), *Não* (2003) e *Outro* (2015).

Augusto anota no "pós-fácio" que abre o livro: "Aqui vão os poemas que consegui arrancar das entranhas desde *Outro* (2015), expostos, com algum vintage ressuscitado pelos memes imemoriais da humanimaldade".

O volume compila poemas feitos entre 2005 e 2024.

Na orelha do volume Carlos Adriano observa: "poemas em estado de código, entre-outras-artes", "perpassados por fina angústia existencial" em que "o imponderável é tratado com precisão e augúrio".

Queria homenageá-lo resenhando seu novo livro. Infelizmente, não chegou a tempo. A homenagem segue com a transcrição dos poemas que lhe dediquei em meus dois livros de poesia, *Barrocidade* (2003) e *Poemail* (2019).

Poemas do livro *Barrocidade*:

*
SEM
ANJOS
E
CAMPOS
NEM
AUGUSTO
*
SEM
CAMPOS
E
ESPAÇOS
NEM
CAETANO
*
SEM
CAMPOS
E
CAETANO
NEM

EU

*

COM

CAETANO
E
AUGUSTO
NEM
DEUS
*
AUGUSTO DE CAMPOS

então é assim
é

ah
é

depois de falar tudo
de contar tudo
de lembrar tudo
pós-tudo
sobra
o teclado da internet

mudo

RAREFAÇÃO 1

de onde vem a poesia
sei

de onde vem a palavra
não

RAREFAÇÃO 2

de onde vem a poesia
não

de onde vem a palavra
sei

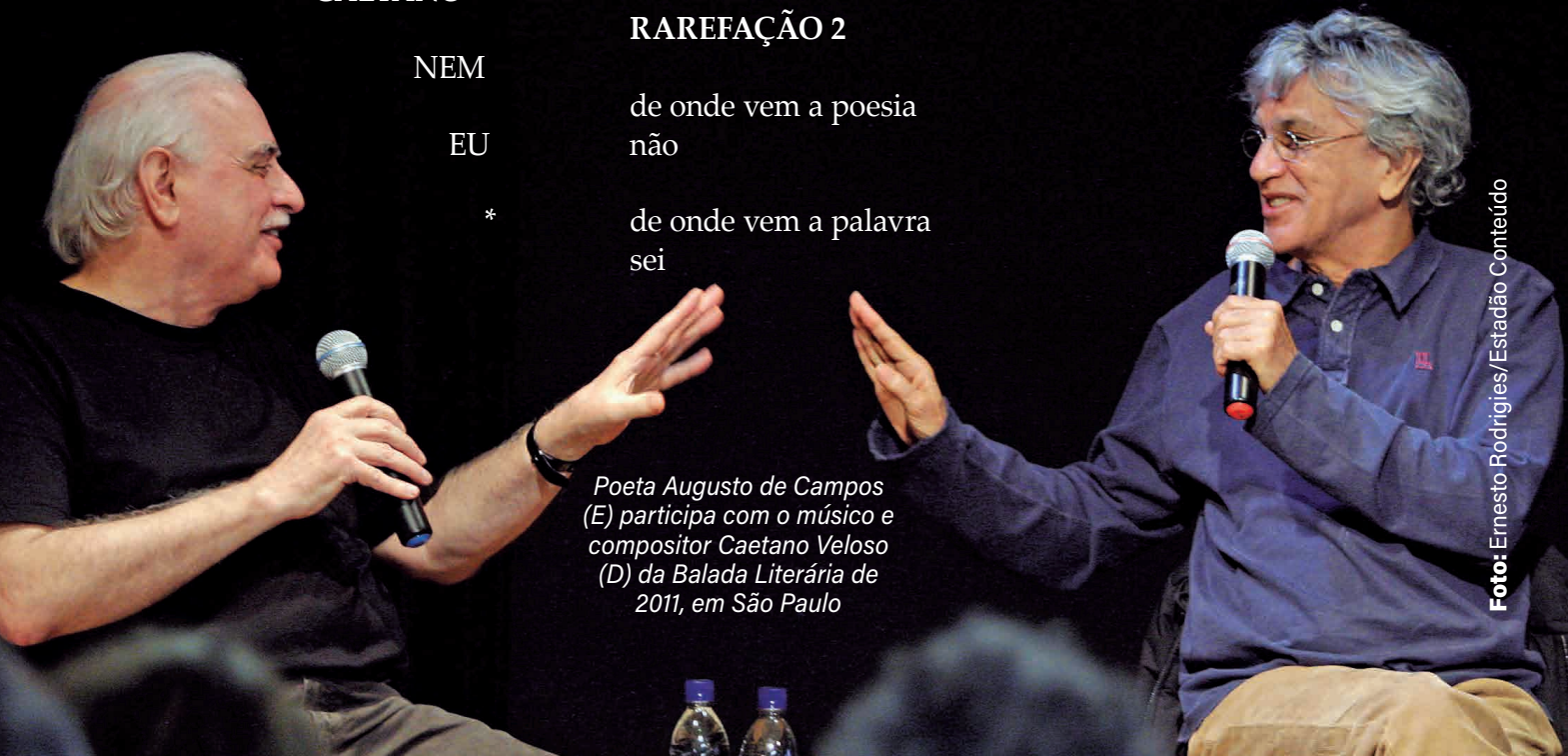
Poemas do livro *Poemail*:

AUGUSTO DE CAMPOS
RIDES AGAIN

all in one
teclado *and mouse wifi*
drive hd monitor modem scanner
multimedia hardware software
antivirus ram rom placa mãe

#follow memes timeline
ios hiperlink internet
whatsapp android
facebook
instagram
viralização
hangouts messenger
skype powerpoint
hashtag
trollar

smartphone dvd clip play
moby body game rock fire
stones
rave mix hard punk core pul-
sar dj iphone
enter techno machine i like to
score ipod ipad
tudo ouço ouço ouço ouço
ouço ouço
ouço o contra ouço o não
ouço o anti
ouço o viva ouço o outro
ouço o des



Poeta Augusto de Campos (E) participa com o músico e compositor Caetano Veloso (D) da Balada Literária de 2011, em São Paulo

PEDRA DO INGÁ

na
pe
dra
do
in
gá
vi
lá
o
mar
co
de
um
ri
o
gra
fi
te
que
o
tem
po
pi
chou

Foto: Evandro Pereira



Vista do parque arqueológico da Pedra do Ingá, no interior da Paraíba, constituído por inscrições rupestres entalhadas na rocha

ENSIMESMADO

sob angústia de agosto

*seo vicente vendia confeitos
à entrada do grupo escolar
onde estudei.*

*este poema é dedicado a ele e a
seu filho menino suicida.*

1

dias dias dias
(des)[a]mãe[cidos]

noitesmastros :: içadas
em areia areia lunático areal

chiaroscuro
em meio a

não-viver &
viver-não

[caixa preta de agosto
e álvaro de campos]

drágeas
águas

agulhas
a perfurá-lo

o corpo
: menção de apartar-se

[instalação de josé
rufino]

o lh

o
o túrgido
pêndulo

na / (des)linha
da / (des)perspectiva

[miró na mesa de operação
com kandinsky]

pernas-parelha
antes :: pugnazes / hirtas

agora :: cama[da]
de pedras

uma a
uma

[quadros de
vik muniz]

§ 1º escaras
esmeradas

§ 2º dores
pontuais
§ 3º cores &
ataduras

[telas de edvard
munch]

2
fractal
fractais
os
pré-suicidas
cada vez
mais
exbeltos &
cultos
cada vez
menos
cus
& xotas
sorvem
cargas
mais
elétricas
cargas
convulsivas
cargas
eletrodomésticas
enquanto
haurem
com
primidos

3
cada dia
entendo
mais & mais
profundamente
o som
surdo
dos
suicidas

Foto: Keiny Andrade/Estadão Conteúdo

Uma das obras assinadas pelo artista visual Vik Muniz:
mosaico de beijos com ajuda de 1,2 mil pessoas



*
des[a]corda
com a (des)vi[n]da
*
(anti)-destrinça
com a (des)li[n]da
*
[cada]
[dia]
[cada]
[]

[.....

.....]

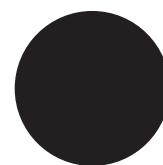
*
noites noites noites
d i a s d i a s d i a s
*
espinhos pinçados
no cusporcophonegro
*
oscuroscuro
cazz o
*
chusmas de escorpiões
alastram venenos
pelo peito &
pela área áurea
em derredor
do
torcido coração
da
mente
ex-valisideias
*
a fala
ga[l]ga
agrega
gralhas despanto
*
nada ler
nada ouvir
*
nada nanar
tudo dormir
*
olha bicho
papão
*
o doutor
vai te pegar
*
mmmmmmmm
mmmmmmmm

*
drágeas
injeções
bulas
orações
tudo silencia
ante o fato
de que
o corpo
não mais que
menos
neca de pitibiriba
patavina
bulhufas
zero

4
abraão vitoriano
ana cristina César
artaud
assis valente
akira kurosawa
basquiat
bernard buffet
buth cassidy
camilo castelo branco
cheyenne brando
claudio manuel da costa
cesare pavese
dylan thomas
fassbinder
florbela espanca
georg trinkl
guy de maupassant
hemingway
horacio quiroga
jack london
jim morrison
judy garland
ian curtis
isaac babel
iessiênin
klaus mann
kurt cobain
lota macedo soares
maiakóvski
marilyn monroe
mário de sá-carneiro
montgomery clift
munch
nicolai gogol
outros
pagu
paul celan
pedro nava

rainer werner fassbinder
ralph barton
raul pompeia
reynaldo arenas
roland barthes
sá-carneiro
santos dumont
sid vicious
stephan zweig
sundance kid
sylvia plath
tchaikóvski
thomas chatterton
torquato neto
tzvietáieva
uriel acosta
van gogh
violela parra
virgínia woolf
walmor chagas
walter benjamin
wolfgang paalen
yukio mishima

5



Capa da coletânea poética
'Poemail', lançado pela
Editora Patuá, em 2019

Imagem: Reprodução/Patuá

sinuca

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

1

Quando o psicólogo do reformatório soube de minha internação por ter agredido um fardado de alta patente e até a nossa bandeira, no desfile da Independência, julgou que eu fosse um anarquista.

Mas, ao perceber que a minha ojeriza se estendia também a outros verdes, captou que eu estava com clorofobia.

E pediu-me que explicasse o motivo.

Antes, esclareceu o significado desta palavra: alergia aguda ao verde, inclusive com perturbações fisiológicas, devido a um trauma ligado a essa cor.

2

No fundo do botequim Garrafa de Ouro, uma mesa de bilhar atraía todos os desocupados do bairro.

Eu, depois do ginásio, às vezes ia dar uma espiadinha nas partidas e, de tanto respirá-las, entusiasmado, resolvi, um dia, testar minhas habilidades.

Pedi uma brecha, os velhos riram do garoto pretensioso, mas eu exibí um argumento decisivo: minha mesada.

Sua perda ou duplicação.

Um bamba do *snooker* aceitou o desafio corajoso e fez um jogo quase perfeito.

Depois eu me ajeitei com o taco, olhos curiosos à volta.

Fiz uma, duas, três, quatro, até 10 carambolas.

As redondas iam e vinham, rebatiam nos lados, passavam roçando, chocavam-se, então se uniam suavemente como que atraídas por um ímã invisível.

Os espectadores aplaudiam vivamente, inclusive meu rival-admirador.

O proprietário do botequim, com medo de se encrencar pela admissão de um menor no jogo, não saía da porta.

Tudo corria bem até que um inconveniente grisalho urrou, eufórico:

— Esse vai sê o novo Malacacheta!

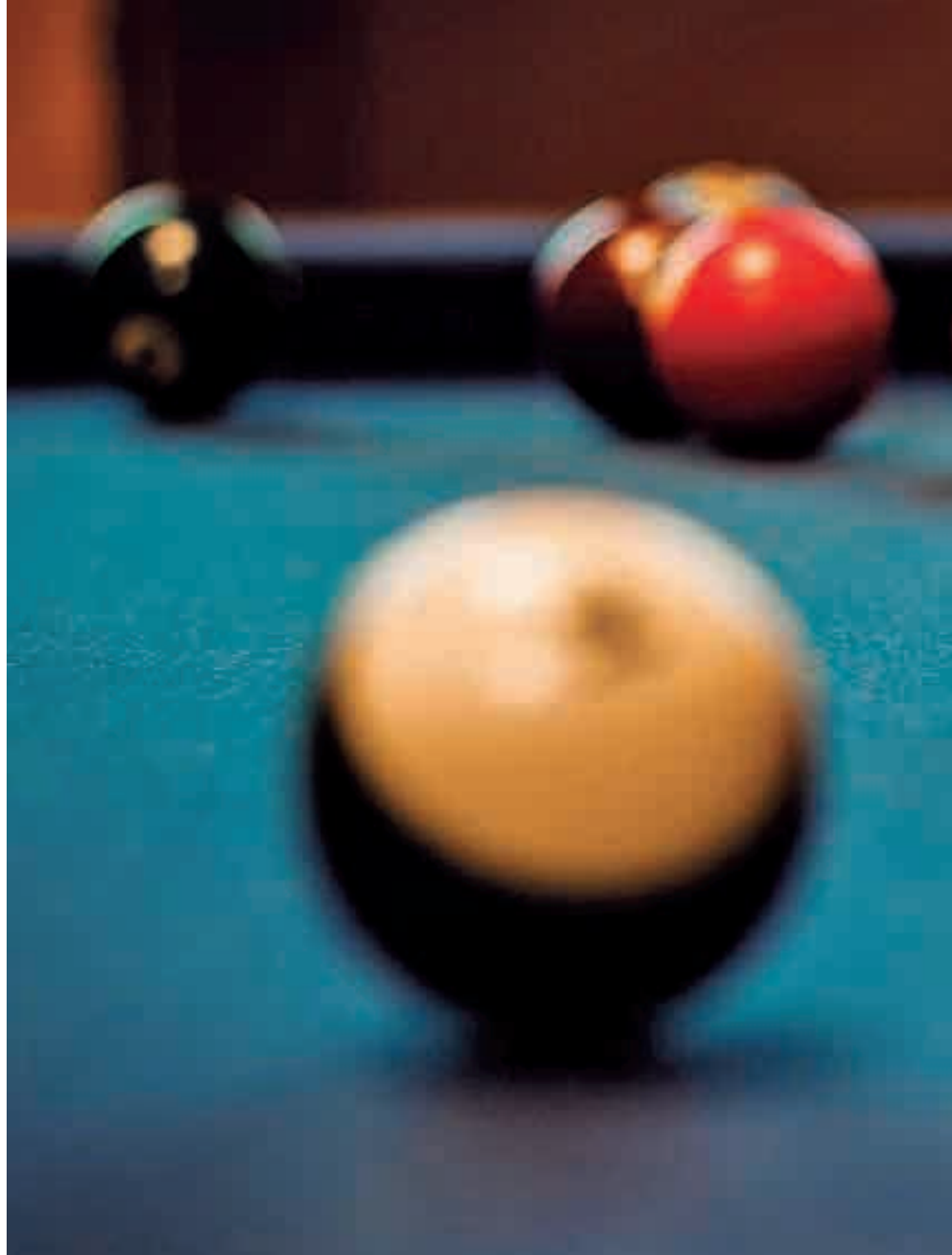




Imagem: Reprodução/Pexels

A responsabilidade de, algum dia, substituir o maior encaçapador nacional, me perturbou; então, num retrocesso, lançando o taco com mão nervosa, resvalou na bola, gemeu o pano, se rasgou em triângulo e o lançador de madeira quase desapareceu debaixo do verde.

Espanto geral.

Todos entreolharam-se e eu, congelado pela surpresa, não movi um milímetro de meu corpo curvo.

O dono do Garrafa de Ouro, quando foi avisado, entornou um berro em minha direção:

— Vai *pagá*, seu merdinha!

O grito, ao menos, me re-

moveu da posição corcunda e, após alguns momentos, consegui gaguejar:

— Quan... quan... to?!

O dinheiro de minha mesada não dava para cobrir o estrago e o prejudicado pediu para alguém ir chamar o meu padrasto, que recauchutava pneus em sua borracharia.

Ele já veio informado e furioso, pagou o restante, entendeu-se com o meu adversário de mesa, mas quis o pano.

O botequineiro removeu o tecido, embrulhou-o num jornal e entregou a meu pai postigo.

De cabeça baixa, à espera de uma surra, segui-o até nossa casa.

Porém ele não ergueu um dedo contra mim, só pediu à Mamãe que costurasse o rasgão e fizesse do feltro verde uma colcha para minha cama.

O velho queria que, todas as noites, ao me deitar, eu me lembrasse da dupla imbecilidade: frequentar local de malandros e jogar dinheiro fora.

Aquele pano, que me acompanhou infinitos meses, era meu pesadelo, mesmo antes do sono: às vezes, eu até sonhava com o tecido de bilhar me afogando como água limosa.

Inflexível, meu castigador não deixava que a esposa tirasse a colcha nem para lavá-la do pó do tempo e de fezes de moscas.

Teria sido bem melhor um espancamento!

E, na tarde em que meu padrasto fugiu com uma contorcionista de circo, perguntei à minha mãe, desgostosa, se podia pôr fogo no pano verde.

Ela, olhos nublados, respondeu:

— Não só queime, como também jogue as cinzas no rio, que vai pra longe!

3

Após ouvir-me, o doutor concluiu:

— Pelo jeito, o verde não foi bem incinerado...

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura, autor de mais de 60 livros e membro da Academia de Letras do Brasil (ALB), em Brasília (DF).



Poema

*Ele vem como vidência,
Oração... Contém história.
Como as pedras, têm memória,
Solidez e resistência.
Presto a ele, reverência,
Me ajoelho em devoção.
Meu poema é só paixão,
— Escrevo desde menino —
Sou poeta peregrino,
No sertão da solidão.*

Lá vem o poema

*Ele vem, e se insinua,
E me habita devagar.
Sei que quer me namorar,
Sob os raios de uma lua.
Me arroteia, e continua,
A soprar inspiração.
Como prece de perdão,
Finca a faca, em mim contorce,
— A poesia se retorce —
Me completa a solidão.*

Ancorei minha saudade
no porto da solidão

*Mil pensamentos me envolvem:
Envelheci no caminho!
Achei-me num pergaminho,
Recordações me absorvem.
Poemas em mim se movem
Por labirintos em vão.
E se canto esta canção,
É pra dizer a verdade:
Ancorei minha saudade,
No porto da solidão.*

Eu vou irrigar desertos
e não derrubar florestas

*Eu serei signatário,
Do mais nobre documento;
E com meu discernimento.
Seguirei meu ideário.
Traçarei itinerário,
Com as vozes mais honestas,
Vou aparar as arestas,
Assinar mil manifestos:
Eu vou irrigar desertos,
E não derrubar florestas.*

s de Abrantes

Revirei velhas gavetas pra rever minhas memórias

*Por veredas caminhei,
Com a Lua conversando,
E o meu poema pulsando,
No coração aninhei.
Cada verso, alinhabei,
Recontei minhas histórias,
As missivas ilusórias,
Enviei por estafetas,
Revirei velhas gavetas,
Pra rever minhas memórias.*

A borracha do presente apagou o meu passado

*Já vivi mil aventuras,
Por desertos caminhei;
Já venci, já vacilei,
Já feri, e fiz suturas.
Fiz diversas travessuras,
Tive o nome difamado,
Tive o peito trespassado,
E hoje escrevo consciente:
A borracha do presente,
Apagou o meu passado.*

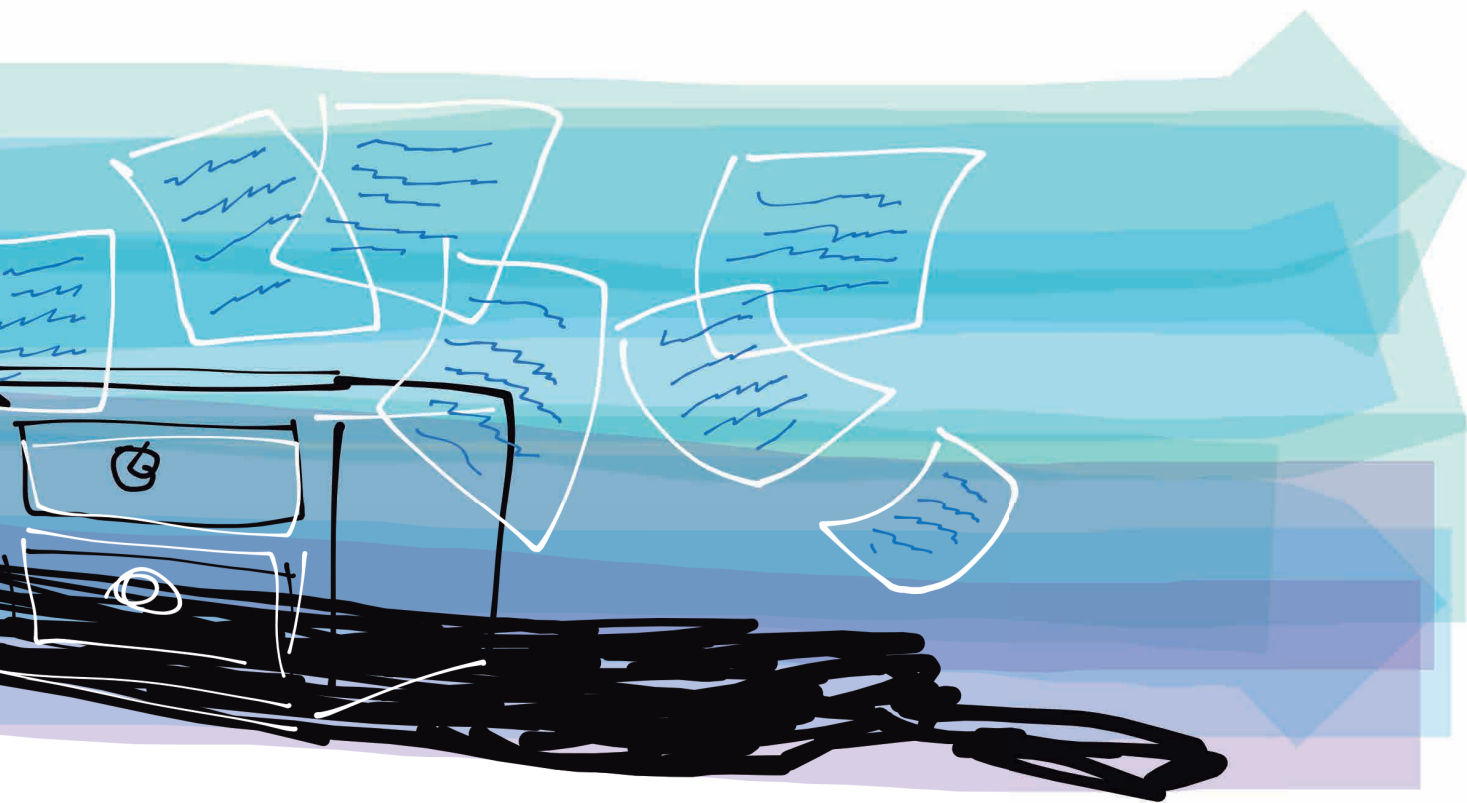


Ilustração: Domingos Sávio

Escrevo como que lavra

*Inspiração me escalavra,
O poema me provoca;
O Universo a mim, invoca,
Escrevo como quem lavra.
Eu prezo muito a palavra,
Assim, lapido o meu verso.
No palco, não desconverso,
A rima não me confunde:
Por mais que o mundo me inunde,
Não inundo o Universo.*

Raniery Dantas de Abrantes, natural da cidade de Sousa, no Sertão paraibano, é membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB); União Brasileira de Escritores, Paraíba (UBE-PB) e da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP).





Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

Afinal, o que quer

uma mulher?

Cadê você, Rita?

Nem sei há quanto tempo havia ido a blocos de Carnaval aqui, em João Pessoa. Mas, com tantas mudanças acontecendo, redirecionei meu Carnaval para o tempo indeciso de nossa cidade. Percorri as ruas, não atrás de trio, pois os 40+ não me permitem tamanha peripécia. Graças à idade, não entro mais em ciladas, como pular ao lado de grandes massas sonoras, ou em qualquer lugar próximo a elas. O trio tem que passar rápido, de longe, ele fica mais charmoso. Fui às Muriçocas e adorei, fiquei numa calçada vendo as fantasias e o passa-passa de gente bonita. Na sexta-feira, arrisquei o Cafuçu. E até me enfeitei, Carnaval é festa de entrega. E, sobretudo, de esquecimento. Lembrar-se do que não presta, só em dias comuns. Carnaval combina com purpurina, nunca com aflição.

Sem opção de calçada, fiquei com os amigos em frente à praça Dom Adauto, ao lado de um palco que só tocava

música brega. Que delícia! O som estava adequado, nada de trio elétrico. Vez por outra, passava uma troça. Depois, voltava o brega. Sem perceber, comecei a relembrar muitas músicas. Até cantei. E melhor: recordei.

Fui, de certo modo, uma criança privilegiada — e adolescente também. Não tenho, nessa fase, histórias de privação. Lá em casa, nunca faltou uma secretária do lar. Muitas delas reforçaram meus caprichos alimentares. Ou faziam além do que deviam, só para agradar a única criança da casa. Uma das músicas que ouvi naquela noite foi a de Alípio Martins. Lembrei-me de Rita, uma das moças que trabalhou em nossa casa. Era baixinha, musculosa sem nunca ter frequentado uma academia, sua genética era aquela. Músculos firmes e pele bronzeada. Usava um perfume forte da Avon, um batom daqueles vinte e quatro horas, presente de minha

tia, diretamente do Paraguai, e saias curtíssimas. Ninguém se metia em seus gostos. O problema era só quando trazia o pão fresquinho da padaria: sentíamos o seu famoso *Toque de Amor*. Que perfume forte aquele! Minha tia precisou pedir para que ela comprasse o pão antes do banho. Ela não se importou.

Rita era amante da noite, frequentava uma danceteria, chamada Palácio do Forró. Namorava um motorista de ônibus, e se encontravam todas as sextas-feiras. Nesses dias, o *Toque de Amor* exalava do quintal ao jardim. Ela só ouvia rádio da AM. Nunca soube o porquê. Quando chegava da escola, os adultos da casa saíam para trabalhar, e ficávamos em casa, Rita e eu. Ela esquentava a comida e me contava sobre seu romance com Rogério. Nunca precisei ler revistas eróticas, pois ela me contava tudo o que eu tinha curiosidade de saber. Foi ela que me explicou por que

Rita gostava de comer bem e nos ensinou que a melhor alimentação é aquela feita com amor. Não adiantava reclamar: no fim, ela mandava na cozinha

as meninas usavam absorvente, muito melhor que as freiras do colégio em que eu estudava. Também me contou como nasciam os bebês. E o que Rogério fazia para ser inesquecível.

Quando ouvia suas músicas favoritas, ela cantava, e lavava a louça dançando. Rebolava da cintura para baixo, sem atrapalhar o serviço. Assim, ensaiava os passos para suas noites mágicas no Palácio do Forró. Cozinhas muito bem, nunca me esqueci do bife à milanesa. Títia reclamava, dizia que não sobraria nenhum enlatado, caso houvesse uma visita-surpresa. Rita gostava de comer bem e nos ensinou que a melhor alimentação é aquela feita com amor. Não adiantava reclamar: no fim, ela mandava na cozinha. Mas detestava as visitas-surpresa que chegavam do sertão. Emburrava a cara. Afinal, isso aumentava seu trabalho, e ela se atrasava para sua rotina noturna. Hoje, entendo que

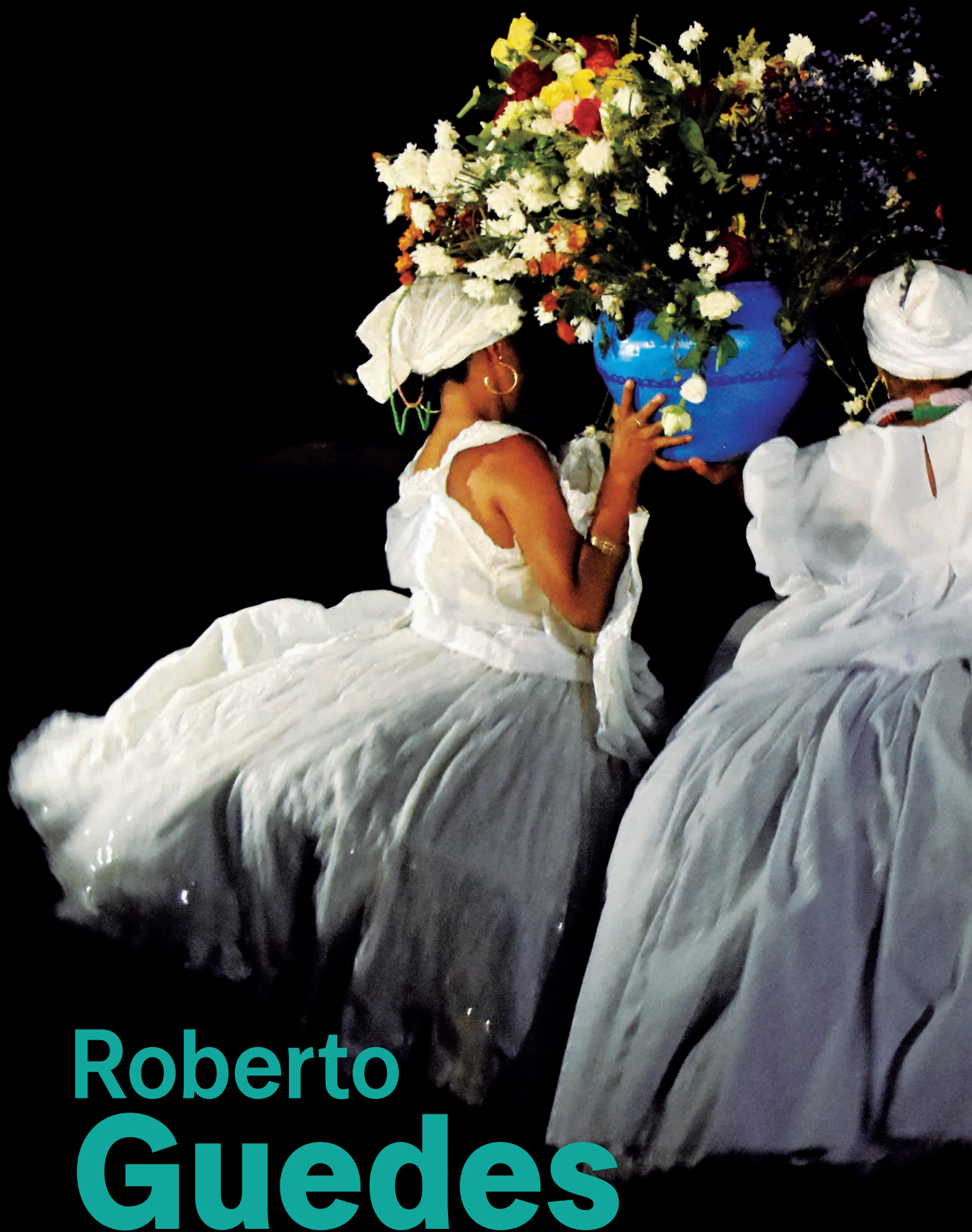
estava certíssima. Numa dessas vezes, atrasou-se e ficou de namorico com Rogério até o primeiro ônibus sair. Chegou em casa às cinco e meia da manhã e fazia café às seis e meia. Inventou de fazer tapioca, que todo mundo adorava. Assim, ganharia os patrões pela boca, e ninguém faria pergunta indiscreta. Mas o cansaço nem sempre perdoa, e, num desses dias, cochilou na beira do fogão e queimou a mão. Títia mandou que ela fosse dormir, e eu fui para a escola preocupada. Quando cheguei, lá estava ela, novinha em folha, dançando ao som de suas músicas da AM. Por vezes, me puxava para dançar. Ela também me ensinou a sacolejar o corpo. E me rodopiava em seus braços quando eu voltava de viagem. Algumas vezes, sem eu entender, ficava

com raiva. Uma das ocasiões, foi por ter me negado a escrever um cartão de amor para Rogério. Ela não sabia ler, nem escrever. Eu era só uma menina, queria brincar com minhas amigas, e ela só pensava em amar e ser amada. Rita foi uma referência para mim. Eu estava numa casa grande, com gente grande e sempre sozinha, mas, com ela, havia uma aura de segurança, e isso era bom.

Esse bloco me levou a um tempo único. Não por achá-la uma cafuçu. Afinal, Rita queria ser a Jô Penteadado, personagem da Cristiane Torlone na novela *A Gata Comeu*. Usava o cabelo igualzinho. Lembrei-me dela no bloco, por causa das músicas, da dança e da alegria. E, desde aquele dia, me pergunto: Cadê você, Rita?

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance 'O que as mulheres carregam nas bolsas'. Mora em João Pessoa (PB).

Ensaio



Roberto Guedes



Renata Escarião

Especial para o *Correio das Artes*

Resistência. Eis o que representa a Festa de Iemanjá, realizada há 58 anos consecutivos nas areias da praia de Cabo Branco, na capital paraibana. Um evento que aqui apreciamos por meio do registro atencioso e sensível dos olhos do fotojornalista Roberto Guedes.

Um espaço de expressão das religiões de matriz africana, que reúne Casas de Axé de diversas cidades da Paraíba, e que mostra pelos atabaques, pontos entoados, trajes elaborados, rodopiar de saias, guias e oferendas, a força da tradição dos povos de terreiro e da fé que perdura por séculos.

A primeira festa em homenagem a Iemanjá, em João Pessoa, foi realizada no dia 8 de dezembro de 1966, sob a coordenação do babalorixá Carlos Leal, quando o então governador João Agripino sancionou a lei nº 3.443, assegurando o livre exercício dos cultos de umbanda e de matriz africana em todo território do estado da Paraíba. Seguindo a tradição, Walter Pereira trabalhou durante anos em prol de maior visibilidade desse evento.

Há cerca de 20 anos, a festividade está sob a responsabilidade da yalorixá Mãe Penha de Iemanjá, presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros no Estado da Paraíba (FCAB-PB). Em 2021, a Festa de Iemanjá foi inserida no calendário oficial do estado e declarada patrimônio cultural e imaterial da Paraíba, sob a lei nº 12.189, de autoria da deputada Estela Bezerra, e sancionada pelo governador João Azevêdo.

Um trabalho coletivo, feito pelas mãos dos filhos de santo, à base de muito esforço e sacrifício diante do pouquíssimo apoio do poder público, enfrentando a intolerância religiosa, e que resiste pela crença inabalável de que pela Rainha do Mar tudo vale a pena.

Odoyá, Iemanjá! Que a força das águas salgadas continue dando força aos que resistem em seu nome.















Roberto Guedes Pereira fotografa há cerca de quatro décadas e o movimento e as cores da Festa de Iemanjá encanta seu olhar. Este ensaio é uma coletânea de oito edições do evento.





Tiago Germano
tdgermano@gmail.com

O príncipe dos poetas e dos prosadores brasileiros



Na edição passada desta coluna, no *Correio das Artes* de fevereiro, comentamos o concurso da revista carioca *O Malho*, que elegeu, em dezembro de 1942, o príncipe dos contistas brasileiros: o escritor paraense Osvaldo Orico.

Mal sabíamos que um concurso anterior do periódico, realizado entre os anos de 1927 e 1928, já havia escolhido também o príncipe dos prosadores brasileiros, inspirado num certame realizado pela também carioca revista *Fon Fon*, este mais famoso, responsável pelas primeiras eleições dos príncipes dos poetas brasileiros.

Tudo começou em 1907, quando Olavo Bilac ganhou a coroa entre os poetas. Em 1924, a revista elegeu o seu sucessor: o paulista Alberto de Oliveira, seguido pelo pernambucano Olegário



Imagem: Rep./M. J. Garnier

Em 1907, o carioca Olavo Bilac (1865-1918) ganhou a coroa de príncipe dos poetas brasileiros entre os seus iguais

Mariano, em 1938. *Fon Fon* saiu de circulação em 1958. No mesmo ano, o jornal *Correio da Manhã* resolveu puxar a responsabilidade e dar prosseguimento à votação. Foi a vez de o paulista Guilherme de Almeida ganhar o cedro, repassando-o mais tarde ao também paulista Menotti del Picchia, em 1982.

Tendo o próprio *Correio da Manhã* fechado também suas portas, coube à extinta *Revista Brasília* eleger, em 1991, outro paulista, Paulo Bonfim, como o último príncipe dos poetas. Desde então, esse tipo de votação parece ter entrado em desuso. No tocante aos prosadores, a moda nunca parece ter pegado de fato, haja vista a única eleição realizada, que, como mencionado, começou em 1927 e durou exatamente seis meses.

“Nós já sabemos quem é o príncipe dos poetas brasileiros”, atestava *O Malho*, em outubro daquele ano. “Após a morte de Olavo Bilac, um recente concurso consagrou o Sr. Alberto de Oliveira nessa qualidade. Não seria interessante saber agora qual o nome em que deve recair a escolha para o príncipe dos prosadores brasileiros?”

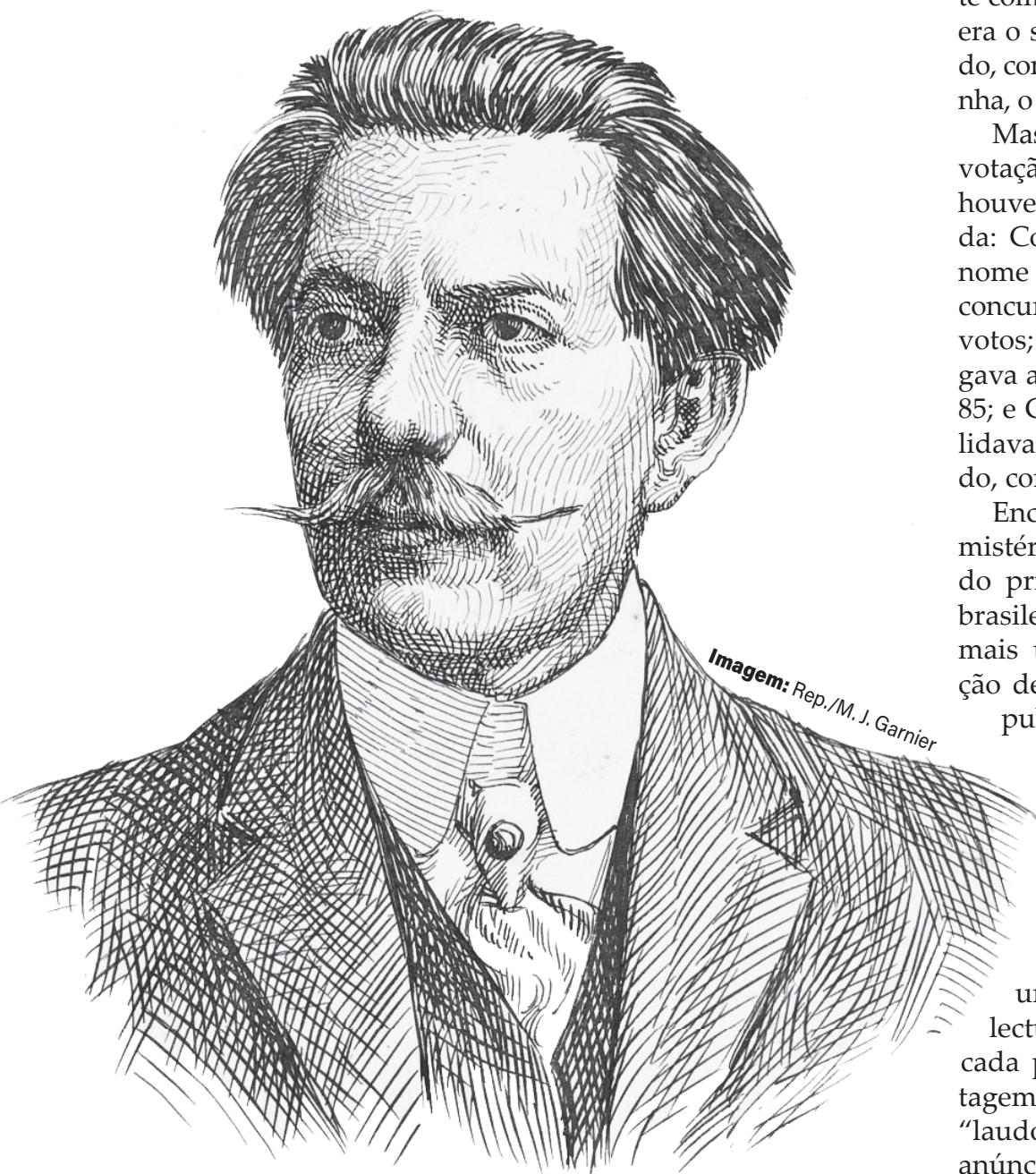
Com essa pequena introdução, a revista semanal começava a mobilizar os mais de 300 intelectuais que ficariam encarregados de escolher o primeiro e único entre os prosadores a assumir o principado. Embora fosse uma eleição direta, a partir de uma cédula de votação a ser destacada das páginas da revista, os primeiros números que mencionavam o concurso traziam caricaturas dos possíveis candidatos, feitas pela pena do artista Andrés Guevara.

Entre os escritores retratados (todos homens), destacavam-se alguns nomes fortes, a exemplo de Viriato Correia e Monteiro Lobato, respectivamente o segundo e o terceiro colocados no concurso de príncipe dos contistas brasileiros, vencido mais tarde por Orico. Apesar de os redatores citarem que “os caricaturados da página do concurso não são os únicos candidatos”, a primeira parcial da votação, divulgada em novembro de 1927, certamente se deixou influenciar pelas sugestões, destacando, entre os primeiros colocados, escritores que figuravam em caricaturas da página, como Gilberto Amado (liderando com 37 votos), Graça Aranha e Coelho Netto (empatados na segunda colocação, cada um com oito votos).

O único critério de votação era que o escritor, além de brasileiro e prosador, fosse vivo, mas a votação era aberta apenas para intelectuais que morassem no Rio de Janeiro. “Presume-se que a capital da República tenha a idoneidade precisa para eleger o príncipe”, argumentava-se, numa época em que tal arbitrariedade era o de menos, quando nem se falava ainda em representatividade e o recorte de gênero e etnia era violento, pra não dizer pífio: nenhuma mulher apareceu como votada, poucas apareceram como votantes, e o preconceito não era sequer debatido.

A partir da segunda parcial de resultados, em dezembro, a revista passou a incluir as justificativas (opcionais) que acompanhavam os votos. Numa delas, o escritor e político Heitor Beltrão manifestou sua sim-

Em 1924, a revista 'Fon Fon' elegeu o sucessor de Bilac como príncipe dos poetas do Brasil: o paulista Alberto de Oliveira (1857-1937)



patia por Coelho Netto e, a despeito de não querer ofender ninguém, ofendeu a todos com o completo desdém da sua justificativa: "Os tro-nos ruem. Na realidade, não há príncipes, muito menos em prosa. Principados, em 1927, na América, são poesia lírica... Demais, em exata justiça, ninguém, diante de muitos tipos bons, pode dizer que fulano é melhor que

sicrano, sem ofender, desnecessariamente, a este e a outros fulaninhos e sicraninhos, igualmente bons."

Na terceira parcial de resultados, no mesmo mês de dezembro, Gilberto Amado ampliava sua vantagem: 62 votos contra 21 de Coelho Netto, agora despontando como segundo colocado com 21 votos, distanciando-se definitivamente de Graça Aranha,

com 16. O quadro dos três primeiros colocados se manteve inalterado até meados de março de 1928, quando Gilberto Amado ainda aparecia à frente com 80 votos; Coelho Netto era o segundo melhor colocado, com 64 votos; e Graça Aranha, o terceiro, com 21.

Mas justo no último dia de votação, já em 31 de março, houve uma milagrosa virada: Coelho Netto honrava o nome e passava à ponta do concurso, liderando com 92 votos; Gilberto Amado amargava a segunda posição, com 85; e Graça Aranha se consolidava como terceiro colocado, com 25 votos.

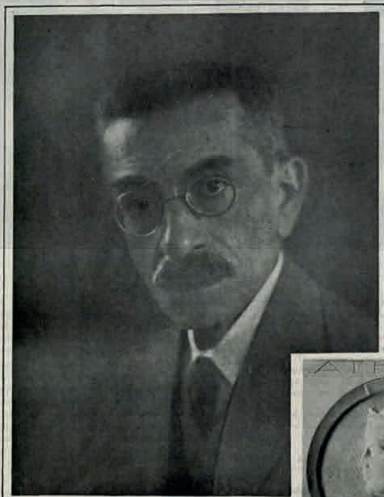
Encerrada a votação, o mistério sobre a identidade do príncipe dos prosadores brasileiros perduraria por mais uma semana. Na edição de 11 de abril, a revista publicava: "Ainda neste

número, não nos foi possível dar a apuração final do nosso grande inquerito". Para merecer esse nome, a coisa era realmente séria: uma comissão de intelectuais havia sido convocada para fazer uma recontagem dos votos e lavrar um "laudo" com a apuração, e o anúncio só seria feito no número seguinte de *O Malho*, com as respectivas homenagens ao vencedor.

Sem alterações no placar, porém, o nome de Coelho Netto foi divulgado com pompa como príncipe dos prosadores brasileiros, na edição de 21 de abril de 1928. Uma placa de bronze, assinada pelo artista Adalberto Mattos, foi ofertada ao escritor, e um longo perfil biobibliográfico ocupou as páginas da revista.

COELHO NETTO

Príncipe dos Prosadores



Henrique Coelho Netto — o Príncipe dos Prosadores Brasileiros e a placa, em bronze, que "O Malho" lhe ofereceu ao escritor em comemoração de sua eleição e que foi executada por Adalberto Mattos.

— 23 —



A comissão que precedeu a verificação final do pleito para o Príncipe dos Prosadores. Na presidência, o Dr. Luiz Carlos, seguidos por Sr. Bastos Tigre, Paulo Filho, Nogueira da Silva, Borja Reis, Fleck Ribeiro e Mattoso Maia.

TELEGRAMMA PASSADO A COELHO NETTO, PELA COMISSÃO APURADORA DA VOTAÇÃO

Coelho Netto — Rua do Roso, 79 — Rio. Comissão reunida em Jury hoje Associação Brasileira Imprensa, após apurar votação recente concurso O Malho consagrou Príncipe Prosadores Brasileiros: tem maior alegria comunicar-vos justa victoria por 92 votos. Aproveitando oportunidade apresenta illustre escríptor suas felicitações.

A comissão: Luiz Carlos, presidente, Mattoso Maia — Bastos Tigre — M. Paulo Filho — Fleck Ribeiro — Borja Reis — M. Nogueira da Silva.

ESTE O LAUDO FEITO E ASSIGNADO PELA COMISSÃO, NA REUNIÃO DE 11 DO CORRENTE.

Reunidos na sede social da Associação Brasileira de Imprensa, a convite da direcção de O Malho, com o fim especial de procedermos a verificação do Concurso, instituído pelo mesmo, para escolha do Príncipe dos Prosadores Brasileiros, declaramos que, contados os votos recolhidos em favor de varios inscriptos, obteve o primeiro logar o escríptor Coelho Netto, com 92 votos. Em seguida foi o nosso acclamado Príncipe dos Prosadores Brasileiros.

Associação Brasileira de Imprensa — Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1928 — (Assinados) Luiz Carlos, presidente, Fleck Ribeiro, M. Bastos Tigre, J. Mattoso Maia, Florio, M. Paulo Filho, M. Nogueira da Silva, Borja Reis, representando a directoria da Associação Brasileira de Imprensa.

Promovendo esse inquerito, entre os varios elementos representativos da nossa cultura, para apurar a quem, "pau droit de coqueite", deveria caber o principado das nossas letras, um unico proposito nos animou: — estimular, no espirito nacional, o interesse pelas cousas da intelligencia, rebaixadas, nesses tempos de pragmatismo, triumphante ao plano das cogitações literarias. Que não nos inspirava esse movimento de consciencia profissional, nenhuma preocupação inferior, visando pessoas ou cousas, dissacrando, desde logo os moldes absolutamente claros em que estabelecemos o nosso plebiscito. Mas si alguma dúvida ainda não pudesse haver, o resultado da prelo tercia, com effeito, desautorizava, afastando de nós a suspeição de qualquer sympathia ou preferéncia por esse ou aquelle dos nomes que se disputavam o maior dominio dentro das providencias da litteratura patria.

Representamos neste certamen de intellectiones apenas o papel de seus organizadores; nunca o de concorrentes, que nos era defeito pela propria ethica jornalística. Limitamo-nos, assim, a recolher lisamente e liamente encaminhar a uma comissão especial apuradora os votos que um largo corpo de electores, sorteados entre as cousas literarias, exprimiu a favor dos seus preferidos.

Assim, para nós nenhuma surpresa constituiu a victoria de Coelho Netto — nome que, competido com o de Gilberto Amado, vinha, desde o inicio dessa rubrica, gozando prestigio por uma forte aura de popularidade. Não a mereceris acaso o velho polygrapho assim brilhante como fecundo? Quem o negaria em consciencia, tratando-se de um escríptor que entre outros tantos titulos,



O voto de Coelho Netto

— 24 —

Antes admirado por alguns modernistas, com o passar do tempo, e com sua maior atuação na Academia Brasileira de Letras (ele foi um de seus idealizadores e havia sido eleito presidente da instituição, em 1926), Coelho Netto passou a ser vítima de várias hostilidades, principalmente de figuras como Oswald de Andrade, que se tornou pra ele uma espécie de nêmesis literária.

O impacto crítico foi tremendo: sua obra passou a ser considerada prolixa, repleta de circunvoluções retóricas e excessos formais. "A vitória do modernismo se fez como se houvesse necessidade de abater um grande inimigo, no caso, Coelho Netto", resumiu o colega de academia, Arnaldo Niskier.

O príncipe sucumbiu à coroa, e nem o peso dela o salvou do ostracismo, vivendo lá até hoje.



O nome de Coelho Netto foi divulgado como príncipe dos prosadores brasileiros, na edição da revista 'O Malho', de 21 de abril de 1928 (acima); sua obra passou a ser considerada prolixa, repleta de circunvoluções retóricas e excessos formais

Tiago Germano é autor do romance 'O que pesa no Norte' (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de 'Demônios domésticos' (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).

Coletânea possui um ritmo temporal intrínseco próprio, visto que muitos poemas trazem a marca das condições em que foram produzidos: os anos 1990

A poesia como aporia

Uma leitura sobre “Ensaio de Tempo”, de José Edmilson Rodrigues*

Bruno Gaudêncio

Especial para o *Correio das Artes*

Ensaio de Tempo é uma coletânea poética cativante que convida os leitores a um diálogo multifacetado com a temporalidade e a experiência vivida. José Edmilson Rodrigues se estabeleceu como uma das vozes mais proeminentes do que chamo de geração Garatuja, um grupo de escritores direta e indiretamente lançados pela revista campinense de mesmo nome, com suas produções literárias iniciadas entre o final da década de 1970 e o início da de 1980. Essa obra foi publicada no segundo semestre de

2024, pela conceituada Editora Patuá, de São Paulo, que já destacou diversos talentos paraibanos na última década, e é a materialização de uma parte significativa da poética do autor, escrita na década de 1990 e redefinida nas duas primeiras décadas do século 21.

O livro é emoldurado por contribuições eruditas de dois importantes nomes da crítica e poesia contemporâneas brasileiras. O prefácio, escrito em 1994 por José Lino Grunewald, celebrado crítico, tradutor e expoente das vanguardas lite-

rárias nacionais, captura com precisão a obra multifacetada de José Edmilson Rodrigues, oferecendo uma interpretação perspicaz do seu processo criativo, mesclada com ironia e leveza. O posfácio, assinado por Hildeberto Barbosa Filho, reafirma os principais temas e a estética escolhida pelo autor em sua trajetória poética.

Além de explorar o conceito de tempo, a obra de José Edmilson possui um ritmo temporal intrínseco, visto que muitos poemas trazem a marca das condições em que foram

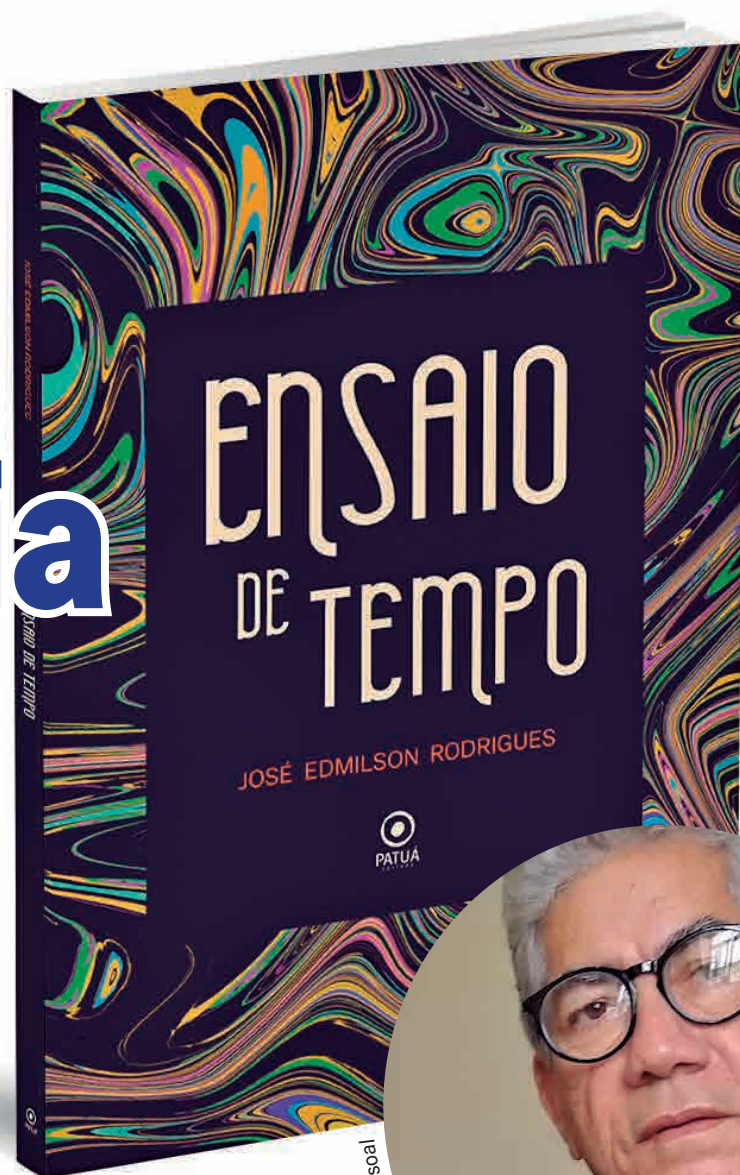


Imagem: Reprodução/Editora Patuá



Foto: Arquivo pessoal

produzidos: os anos 1990. Essas marcações temporais, inerentes ao processo de escrita, ganham camadas adicionais de significado quando lidas atualmente. Tal marcação se expressa na influência palpável da poesia brasileira das décadas de 1980 e 1990, especialmente do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. O impacto desse poeta ressoa também em José Edmilson, como em tantos outros de sua geração, refletindo o que Harold Bloom descreve como o “tempo da influência” ou a “angústia dela”. “Tempo de querer concreto”, como disse José Edmilson.

A percepção do tempo pelos poetas difere daquela dos outros seres. Muitos “versejadores” possuem um relógio peculiar: para alguns, os minutos, horas e dias passam lenta e gradualmente; para outros, o tempo corre com mais pressa, buscando um futuro inventivo. José Edmilson parece se situar na interseção entre esses dois extremos: como Marcel Proust na ficção, ele acredita que o tempo precisa ser redescoberto, capturado em cenas e imagens da eternidade. Este efeito se amplifica através de sua habilidade em combinar elementos do passado com aspirações futuras, explorando uma poética circular. Em paralelo, José Edmilson dialoga com os inventivos — aqueles que aceleram o tempo até o âmago do experimentalismo.

Dessa forma, José Edmilson reflete as meditações de Alfredo Bosi em *O Ser e o Tempo da Poesia*, reafirmando a poesia como um estado que transcende a temporalidade. Sua poesia transforma-se em um ensaio sobre memória e esquecimento,

presença e ausência, mapeando liricamente o complexo território da nutrição temporal. O rio e a noite tornam-se metáforas recorrentes em versos como: “Apesar de o Rio, ainda é/ Apesar de, o Rio ainda continua”, “Que é de meu rio que corre, / triste agora? Como escorre” e “Eu roubo à noite/ numa canção que soa”.

A interpretação de *Ensaio de Tempo* também revela uma sensualidade intrínseca a alguns poemas, explorando o atemporal do corpo e suas emoções. Em seus versos ressonantes, José Edmilson integra sentimento e carne, persistindo sobre o fascínio do tempo e seu impacto na existência corpórea: “e o tempo beija a claridade”, como no poema *Possibilidade de voo*.

A crítica e a teoria literária frequentemente exploram a relação entre tempo e narrativa. Um dos principais pensadores desse campo foi o filósofo francês Paul Ricoeur, que desenvolveu a ideia de aporia, oriunda dos gregos e amplamente discutida pelos filósofos existencialistas — um termo que pode significar impasse, paradoxo ou estado de perplexidade. Na obra de José Edmilson Rodrigues, essa aporia está presente, refletindo sua habilidade de capturar a complexidade do tempo por meio da poesia. Assim, a poesia

transforma-se em aporia, com todos os significados que esta expressão pode comportar.

Sua afirmação — “Por vezes o ponto final é o começo” — captura perfeitamente essa ideia perplexa e sensível da circularidade do tempo e das experiências. Promovendo um diálogo íntimo entre leitor e obra, José Edmilson Rodrigues nos torna atentos ao passado enquanto nos conecta ao anseio universal pela eternidade.

Em *Ensaio de Tempo*, José Edmilson Rodrigues não apenas escreve sobre o tempo, mas constrói uma narrativa atemporal, convidando-nos a compartilhar suas experiências. Uma vivência poética materializada em livro, feito para reler, refletir e encontrar novos significados para seu leitor. Em 2025, quando finalmente recebemos esta obra, ela já possui uma trajetória de três décadas de palavras escritas, mas continua surpreendentemente relevante, reafirmando a circularidade do tempo poético. O ser da poesia. A aporia que encanta e desafia.

(*) Uma versão deste texto foi lida como texto de apresentação durante o lançamento do livro *Ensaio de Tempo*, no dia 26 de fevereiro de 2025, no Museu de Arte Popular da Paraíba, em Campina Grande, Paraíba.

Bruno Gaudêncio é escritor e historiador. Doutor em História Social pela USP, autor e organizador de diversos livros, sendo o mais recente ‘Contos da noite: breve inventário de lendas paraibanas’ (Meroveu, 2024). Ele é natural de Campina Grande (PB).



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



Clarisser

Entre a fabulação e o ensaio artístico: um movimento de escritora

O gênero romanesco ou a forma do romance, conforme preferem alguns teóricos, desde o seu surgimento, transmuta-se de acordo com a forma da sociedade que deseja representar, mas sem, obviamente, o compromisso de se ligar a ela diretamente como um retrato fiel. Esse movimento, na sua origem, deve-se à inquietação de escritores e escritoras frente a seus processos de produção, na busca de criar uma maneira nova e/ou diferente de se contar uma história, impulsionados(as), em alguns casos, a se questionarem como gênero ou forma ao passo que narram suas histórias — ou seja, metalinguisticamente.

No caso ora comentado, esse autoquestionamento se dá não porque o romance se refere, direta e/ou unicamente, a si mesmo, à construção do seu enredo, aos próprios artifícios estéticos como um exercício metalinguístico, mas porque cita, referencia e reflete sobre procedimentos de outros escritores e escritoras, no que eles trazem de conteúdo e de forma em seus livros. Vejamos:



Imagem: Reprodução/Editora Instante



Foto: Marion Ettlinger/Reprodução

Era uma primavera instável

Eu tinha lido o livro havia muito tempo e, com exceção dessa frase, não me lembrava de quase nada [...]

Nunca inicie um livro com o clima é uma das primeiras regras da escrita. Nunca entendi por que não.

É colocando em perspectiva o que chama de “regras” e elaborando um gênero literário híbrido, a que daremos o nome de romance-ensaio, que a escritora estadunidense Sigrig Nunez inicia *Os vulneráveis*, traduzido no Brasil por Carla Fortino e publicado pela Instante, em 2024. Como uma questão que pode provocar uma reflexão de natureza teórico-crítica, esse procedimento faz lembrar o que aponta Maria Lúcia Dal Farra¹, ao chamar atenção para preocupações de autores do século 19 — Henry James, Ford Madox Ford e Joseph Conrad — como “romancistas que se inquietavam por um estilo impessoal” (p. 17). A crítica faculta, às reflexões de escritores sobre seus fazeres literários, um lugar importante na construção de uma teorização sobre o texto narrativo de ficção, especialmente no que se refere à categoria do narrador. Mas recorrer a essa discussão de Dal Farra importa, apenas, como uma constatação de que falar sobre literatura é, entre os seus criadores e criadoras, algo mais antigo do que se

imagina e essa é uma questão relevante no livro de Sigrig Nunez. Em linhas gerais, porque traz para o primeiro plano narrativo sua própria inquietação acerca de uma forma elaborada num entre-lugar, que tanto é estrutural, pela hibridização de dois gêneros — romance e ensaio — quanto temático, pela ambientação narrativa no período pandêmico, marcado por um sentimento de que a vida humana estava em suspensão.

Antes de adentrar mais diretamente nessa discussão, e como argumento para tal, vale a pena, mesmo que resumidamente, lembrar que há pelo menos um século, já se havia considerado a possibilidade da morte do romance, a partir de uma ideia atrelada às condicionantes socioculturais que o consolidaram como gênero literário. Em pleno século 21, testemunhamos que não morreu e, pelo visto, não morrerá e que isso pode se dever à sua condição naturalmente estabelecida de não cumprimento de regras, o que o torna ainda mais vivo nesse lugar primordial da liberdade criativa por ele ocupado. *Os vulneráveis*, de Sigrig Nunez, denominado aqui de romance-ensaio, pode significar, nesse sentido, um bom exemplo para auxiliar naquilo que ele mesmo provoca: pensar no “sem regras” em que o romance investe.

Marthe Robert², estudiosa francesa dessa forma literária, constrói seu argumento em defesa da vida perene do romance, por meio de diversos exemplos e de uma abrangência de conceitos interessantes para compreender

‘Os vulneráveis’ (ao lado), obra da escritora estadunidense Sigrig Nunez (acima), conta com a hibridização de dois gêneros — o romance e o ensaio

¹DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado. O foco narrativo em Vergílio Ferreira.** São Paulo: Ática, 1978.

²ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance.** Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

o fenômeno. Diz ela que “o romance não tem regras nem freio, sendo aberto a todos os possíveis, de certa forma indefinido de todos os lados. É esta evidentemente a razão principal de sua expansão contínua, e também a de sua voga nas sociedades modernas, às quais se assemelha, quando não por seu espírito inventivo, por seu humor buliçoso e vitalidade” (p. 14).

A partir dessa ideia, é possível refletir um pouco sobre o propósito da narradora de *Os vulneráveis*, cuja história é ambientada na Nova Iorque do período inicial da pandemia da Covid-19, tratando, portanto, de assuntos relacionados a isolamentos, solidões, perdas, vulnerabilidades, como o próprio título já sugere, amizades entre escritoras e editoras que, em certa medida, ajudam a dar o tom metalinguístico à narrativa, relações interpessoais e interespécies, pois tem um papagaio como personagem.

Diversas resenhas e artigos focam nesse enredo ambientado numa Nova Iorque vazia e no encontro de duas pessoas desconhecidas dentro de um apartamento rico, para cuidar de um papagaio, como uma espécie de companheirismo inusitado. De um modo geral, tratam dessa questão mais humanitária, numa época em que todo o planeta se encontrava vulnerável pela presença de um vírus que se propagava rapidamente, colocando em pauta a condição social das pessoas no enfrentamento à doença e no objetivo de sobreviver, inclusive a governos de direita reconhecidamente negacionistas aos estudos científicos para a descoberta de vacinas. Como se pode conferir, trata-se de um texto ficcional colado em espec-

tos factuais do que foi a pandemia da Covid-19, em termos locais, para o estado de Nova Iorque, e, em termos mais universais, para o planeta. Nesse sentido, o que os personagens vivenciam, ficcionalmente, traz para a cena central do livro o mundo enunciado como referentefactual em seu caráter mimético e, até, realista.

Tudo isso está no romance de Nunez, configurado como um tempo histórico representado para ambientar o processo de construção que a narradora faz da sua própria história, a partir, especialmente, da sua perspectiva de escritora, marcada por leituras que embasam sua capacidade de questionar a forma que cria, tratando-se, assim, de um artifício literário bastante precioso por abrir a possibilidade de se ler o livro como romance-ensaio. N’*Os vulneráveis*, esse exercício ensaístico se revela por diversos meios, como, por exemplo, a referenciação que a

narradora faz a uma gama de escritores e escritoras — Dickens, Sylvia Plath, Tchekhov, Henri Rousseau, William Gibson, Nietzsche, Flannery O’Connor, Georges Perec, Joe Brainard, Günter Grass, Brecht, Elizabeth Bishop, Annie Ernaux, Proust, Rilke, além dos poetas Mariane Moore, Joseph Brodsky, Ogden Nash, Thomas Hood e Philip Larkin, por exemplo — tornando o livro uma espécie de exercício crítico e, até, teórico, a começar por uma de suas epígrafes: “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”, de Gabriel García Márquez, do livro *Viver para contar*.



Obra de Nunez tem epígrafe de Gabriel García Márquez: “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”

Talvez seja adequado atribuir a presença dessa atitude ensaística de Nunez, no seu livro, à sua atividade de professora de literatura do Programa de Escrita Criativa da Universidade de Boston, como uma demonstração da imprescindibilidade de uma boa bagagem de leitura, seja ficcional, seja teórica, como garantia da qualidade e pertinência de sua pedagogia. Ou seja: quanto mais lemos, melhores professoras e professores de literatura nos tornamos, o que, em alguma medida, equivale a dizer em relação aos escritores e escritoras de literatura. Não tem como não lembrar, nesse contexto, de uma frase atribuída a Jorge Luís Borges e dita mais ou menos da seguinte maneira: “Deixe que os outros se orgulhem do número de páginas que escreveram. Eu prefiro me gabar das que eu li”. Ao que tudo indica, essa frase poderia, também, ser atribuída a Sigrid Nunez.

Voltando ao trecho do romance destacado no início desta discussão — “Nunca inicie um livro com o clima *é uma das primeiras regras da escrita. Nunca entendi por que não*” — ao contestar o que chama de regra e, ao mesmo tempo, infringi-la, a narradora já diz a que veio: caminhar na contramão e provocar a reflexão. Esse começo do romance e tudo o que se segue em sua fatura e que está relacionado à literatura, livros, escrita criativa etc., e uma vez caracterizado por um certo “humor buliçoso”, tomando de empréstimo a definição de Marthe Robert, geram umas perguntas que pairam no ar e que, apesar de dizerem respeito a questões extraliterárias, têm a ver com seus processos de produção: Quem, afinal, dita essas regras? O mercado editorial? Os concursos literários? Os cursos de escrita criativa? As academias de Letras? Os estudos acadêmi-



Foto: Theodor W. Adorno/Reprodução

Autorretrato do filósofo e sociólogo alemão Theodor W. Adorno

cos e as teorias? As condicionantes sociais e as tendências? Os assuntos que, por sua recorrência, pautam a produção literária? Ou cada um desses aspectos, de sua parte e à sua maneira?

A narradora de Nunez, sutil e indiretamente, provoca essas questões e se coloca no lugar de liberdade criativa que lhe compete habitar, criando uma arquitetura narrativa (forma literária) que se hibridiza com a forma do ensaio, realizando, assim, uma maneira diferente de contar uma história, mas tão artística quanto a do romance em sua feição mais pura.

Em defesa do ensaio como forma artística, para além de científica, Adorno³ levanta um questionamento que se apresenta crucial para a compreensão dessa maneira como se constrói o pensamento crítico, tendo Walter Benjamin como um “mestre insuperável”. Nas palavras de Theodor W. Adorno, “como seria possível, afinal, falar do estético de modo não estético, sem qualquer proximidade com o objeto, e não sucumbir à vulgaridade intelectual nem se desviar do próprio assunto?” (p. 18).

³ADORNO, Theodor W. **Notas sobre literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.

Ao unificar as duas formas artísticas em um só texto — romance e ensaio — e colocando-as numa zona de proximidade máxima, Sigrid Nunez põe em relevo o caráter de suspensão de sua obra, pelo que expressa, formal e tematicamente, em termos de relatividades, incertezas e inverdades. É nessas reflexões sobre o romance que ela realiza o seu romance-ensaio, o seu exercício artístico-teórico-crítico. É discutindo-se internamente que a narradora põe à prova a sua arte. Vejamos uma passagem importante que já se encontra mais para o final do livro:

Um consenso crescente: O romance tradicional perdeu seu lugar como o principal gênero do nosso tempo. Pode ainda não estar morto, mas não permanecerá por muito tempo. Não importa quão bem-feito, parece faltar urgência a ele. Por mais imaginativo que seja, parece carecer de originalidade. Embora ainda seja um meio poderoso de retratar o caráter humano e a experiência humana. De alguma forma, cada vez mais, a narrativa ficcional está parecendo irrelevante. Cada vez mais escritores estão tendo dificuldade em silenciar uma voz que diz: por que você está inventando coisas?

Conclusão: Talvez o que se deseje em nossos tempos sombrios de antiverdade, com toda a nossa flagrante hipocrisia e uso crescente de histórias como um meio de distorcer e obscurecer a realidade, seja uma literatura de história pessoal e reflexão: direta, autêntica, escrupulosa sobre os fatos. (p. 161-162)

Nesse diálogo íntimo e dialético entre estrutura e conteúdo, a narradora d'*Os vulneráveis* realiza a sua ensaística, ao passo que narra sua própria história, perseguindo uma liberdade criativa e realçando certas pautas que vêm afetando sua criação, tanto em termos literários quanto críticos e, em certa medida, também pedagógicos, conforme declara na seguinte passagem: “Hoje em dia, o escritor me parece alguém que está se tornando menos um artista criativo e mais um político: sempre evasivo, fixado na explicação” (p. 170). Mas aqui já começamos a nos encaminhar para outra discussão...

“Hoje em dia, o escritor me parece alguém que está se tornando menos um artista criativo e mais um político: sempre evasivo, fixado na explicação”

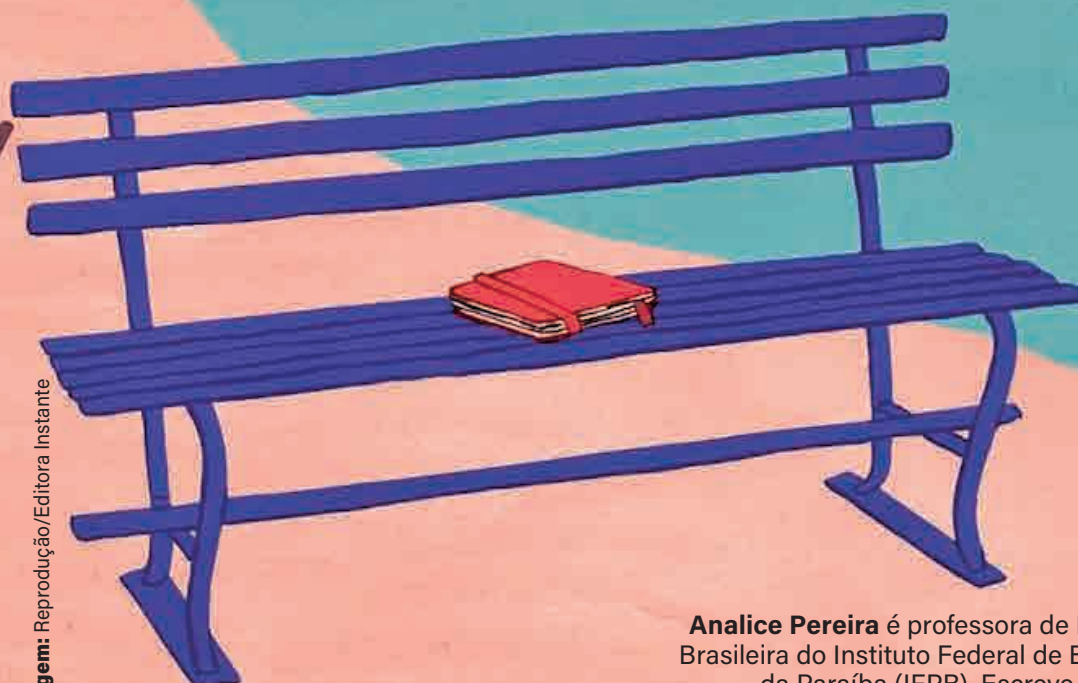


Imagem: Reprodução/Editora Instante

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).



Sejamos sinceros: quem lê poesia?

Francisco Gil Messias

Especial para o *Correio das Artes*

Para crítico Antonio Candido (1918-2017), poesia é mais tensa que a prosa, porque depende de uma exploração constante da multiplicidade de significados da palavra

Muito pouca gente, imagino. E não é de hoje. Estou falando do Brasil, claro, mas tive notícia de que nos Estados Unidos, nas últimas décadas, o número de leitores de poesia diminuiu em dois terços. Vejam só, não é pouca coisa. Não sei como é o cenário europeu, mas não me surpreenderei se for semelhante. E no entanto, quantos e quantas novos e novas poetas surgem todos os dias, cada qual com seu livro publicado e muita esperança de encontrar leitores?

Nas livrarias praticamente não se vê livro de poesia exposto em vitrines ou balcões. Nem mesmo os dos grandes autores, quando reeditados. Se o eventual cliente está procurando um poeta, o que é raro, tem que consultar o vendedor, que, por sua vez, muito provavelmente não saberá de quem se trata.

Para a literatura, ele é o que o *gourmet* representa para a gastronomia: alguém com o paladar tão cultivado que o torna capaz de apreciar com deleite as iguarias mais finas e menos óbvias

Uma constatação: mesmo os poetas renomados publicavam e publicam livros pouco extensos, às vezes com apenas duas ou três dezenas de poemas, em edições modestas, compatíveis com o número de potenciais leitores. Jamais um poeta *best-seller*, com milhares de volumes vendidos, jamais um “estouro” literário extraordinário. Por que será?

Primeiro, como se sabe, é pequeno, muito pequeno o número de leitores no Brasil. Se ainda são milhões de analfabetos ou de semianalfabetos, imagine-se quantos possuem a formação — e a sensibilidade — necessárias para apreciar literatura. Segundo, também se sabe, o chamado “leitor comum” gosta mais de ler histórias, enredos com alguma trama, algo que o seduza e prenda até a última página, ou seja, romances, de preferência nada experimental nem complicado. Apenas uma boa história, com começo, meio e fim. E, se possível, com algum suspense. Até mesmo os contos, narrativas mais curtas, não encontram muitos cultores no restrito universo dos consumidores de ficção. E a poesia? Quem são os seus leitores?

O leitor de poesia é um leitor especial. Diria até que

especialíssimo, na verdade. Para a literatura, ele é o que o *gourmet* representa para a gastronomia: alguém com o paladar tão cultivado que o torna capaz de apreciar com deleite as iguarias mais finas e menos óbvias. Nada de churrasco e cerveja, mas, digamos, no mínimo, queijos e vinhos. A qualidade antes da quantidade. A concentração dos sabores em pequenas porções (os poemas) e não a diluição expansiva dos repastos pantagruélicos. Esse leitor sabe valorizar a concisão que faz um romance inteiro caber num único poema. E se por acaso ele encontra uma pedra no meio do caminho, trata de contorná-la ou, se não consegue, contenta-se com sua mera contemplação, pois está aparelhado para isso. A contemplação é uma forma de leitura. O crítico Antonio Candido, comparando a prosa com a poesia, escreveu o seguinte: “A poesia é mais tensa, porque depende de uma exploração constante da multiplicidade de significados da palavra. Nela, cada palavra é e não é o que parece, e na escolha semântica predominante, efetuada pelo poeta, fervem os significados recalçados, de maneira a estabelecer com frequência a dificuldade,

a obscuridade essencial, solicitando a mobilização de todas as disponibilidades de compreensão do leitor. Já na prosa, o peso da mensagem a transmitir atenua na maioria dos casos a força tensorial, cada palavra encontrando o leito por onde corre mais livre”. Creio que, de fato, é assim, pelo menos na maioria dos casos.

Não quero dizer com isso que o leitor de poesia é um ser iluminado, do outro mundo. Não. Mas que ele é diferenciado, isso ele é, não há dúvida. Também desconfio de que, em termos relativos, se lia mais poesia no Brasil do século 19 e da primeira metade do século 20 do que em nossos dias. E desconfio ainda de que as mulheres, desde sempre, constituem a maioria dos leitores desse gênero literário. Percebo nos homens mais machistas, para não dizer mais rudes, uma certa resistência à poesia, como se ela fosse uma iguaria muito delicada, que pudesse talvez comprometer sua virilidade. Pode parecer brincadeira, mas é sério. Tem muito troglodita circulando por aí...

Castro Alves teve leitores. Olavo Bilac, idem. Nosso Augusto teve sua legião de devotos. Manuel Bandeira, Cecília, Drummond, Quintana e João Cabral dominaram no seu tempo. Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant’Anna e Thiago de Mello também tiveram seu público. E Adélia Prado, mais recente, tem os seus fãs. Mas nenhum deles teve grandes tiragens de seus livros, e seus leitores são contados às centenas e não aos milhares — e olhe lá. É triste? Sim. Tristíssimo.

A propósito, e por coincidência (ou não), lendo agora o derradeiro romance de Paul

Auster, *Baumgartner* (Companhia das Letras, São Paulo, 2024), deparei-me com uma afirmação do narrador que tem tudo a ver com o nosso assunto. Referindo-se à publicação de um livro de poemas de uma personagem, a mulher do tal Baumgartner, ele comenta: “Claro que os números eram diminutos, mas, não sendo a poesia um planeta e sim um pequeníssimo asteroide que percorre os espaços celestiais da literatura norte-americana...”. Eis aí: a poesia como um ínfimo asteroide no firmamento literário dos Estados Unidos. Imagine aqui.

Pergunto-me se estou sendo muito pessimista. Será? É até possível e torço por isso. Drummond, em famoso poema, dividiu os poetas em federais, estaduais e municipais. Os que citei acima, vejam só, foram e são todos poetas federais, de renome nacional. E os bardos estaduais e municipais? Com algumas exceções, sabemos, seus eventuais leitores são contados no máximo... às dezenas — e olhe lá. Essa é a realidade, da qual não se pode fugir, infelizmente.

Entretanto, a poesia resiste. Sim, ela resiste. E esse é o seu milagre. Todos os dias são publicados livros e livros de poemas no Brasil (e no mundo). Se não há quem leia, há quem escreva. Não é incrível? A poesia sobrevivendo através dos autores e não dos leitores. É um paradoxo? Parece. Mas, no caso, bendito paradoxo...

Óbvio que a carência de leitores não tem necessariamente a ver com a qualidade da poesia que é publicada. Grandes poetas são tão pouco lidos quanto os de menor reconhecimento. As escolas poderiam — e podem — ajudar a reverter esse quadro, formando crianças e jovens na leitura dos poetas, ensinando-os a descobrir a beleza e a profundidade desse gênero de literatura. Mas antes os próprios professores têm que gostar de poesia e cultivá-la. Como se vê, um problema não muito simples.

Por enquanto, fiquemos, pois, com o milagre da poesia escrita e publicada, não importa a sua estatura. E que a questão da poesia lida seja resolvida (ou atenuada) algum dia, mesmo que distante.

Poetas como Cecília Meirelles (1901–1964) dominaram no seu tempo: recebeu, em 1939, o Prêmio de Poesia Olavo Bilac, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL) e teve obras traduzidas para espanhol, francês, italiano, inglês, alemão e húngaro



Foto: Arquivo Estádio Conteúdo

Poetas como Ferreira Gullar (1930–2006) tiveram o seu público, bem como Adélia Prado, mais recente, tem os seus fãs

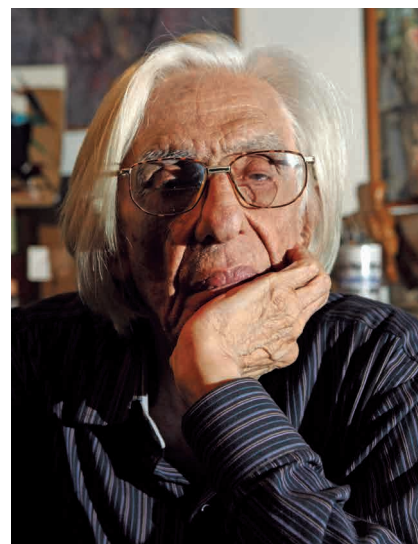


Foto: Fábio Motta/Estádio Conteúdo



Foto: Wilton Junior/Estádio Conteúdo

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como ‘O Redator de Obituários: Crônicas, Artigos e Talvez Ensaios’. Mora em João Pessoa (PB).



A caridade da Quinta-Feira Santa

Tatiana Cunha

Especial para o *Correio das Artes*

Véspera de Sexta-Feira da Paixão, já havia no horizonte um oásis adiante adiante de nós. Tudo se tornava muito mais maravilhoso com um feriadinho em vista. O proletariado chegava ao ponto dos alternativos mais felizes, sorrisão na cara, em poucos passos as agruras, humilhações, os pepinos da semana já estariam devidamente superados. Semblantes dispostos e motivados, tais quais atletas olímpicos, prontos para enfrentar com honra e dignidade o último obstáculo do dia: a BR-230.

Eu saí mais cedo para assegurar minha vaga. Era uma passageira experiente, sabia que o horário com certeza iria se

adiantar, diante da lei da oferta e demanda, não valia a pena arriscar. O Sertão é assim: guarda-se a Sexta-Feira Santa com seriedade extrema. A religiosidade ainda é um atributo inerente à sua resiliência. Foi nela que o sertanejo forjou sua coragem intransponível. A fé inabalável cultivada historicamente os fez sobreviventes da fome em diversas ocasiões, da aridez do solo, da seca intermitente, das doenças e mortes, e dos mais insidiosos meios de exploração social. Se estavam ali, de pé e ativos, era mediante o seu legado de sua crença.

Depois do almoço, iniciava-se o fluxo intenso para os sítios, onde as famílias ficariam até o domingo. Após as 15h, lá

em Patos, já não se achava mais viva alma, sequer pra comprar um peixe e se livrar do sacrilégio de comer carne vermelha no dia mais sacramentado do ano. A rua semi-deserta era testemunha tão somente da solidão dos últimos heróis da resistência, que se organizavam também para partir, porém já sem carga de preocupação em seu semblante. Somente a palavra “feriado” já trazia, em si, o condão de dissipar névoas, por mais tenebrosas que fossem. Tudo melhorava quando o sujeito chegava em casa, tomava aquele banho ressuscitador e se abandonava por sobre seus lençóis, com o seu prato enorme de comida no colo, sem nenhum compromisso estético.

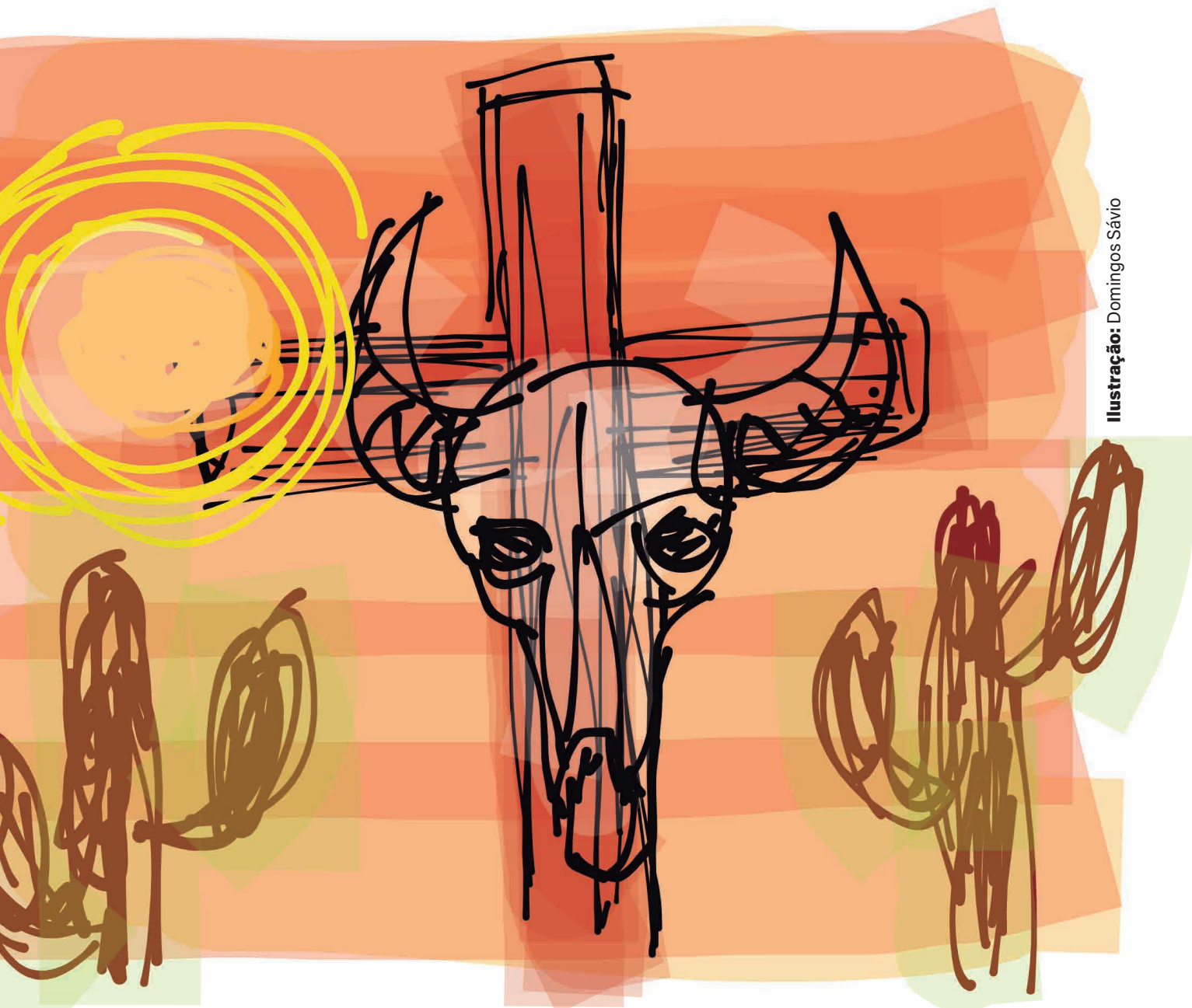


Ilustração: Domingos Sávio

Passo arrojado para não perder tempo, ao longo da avenida fomos nos encontrando com os demais colegas de migração interurbana: o contador, a gerente de uma loja de eletrônicos, a assessora do juiz, algumas enfermeiras do Hospital Regional. À medida que o encontro acontecia, a conversa seguia animada com os planos para o fim de semana prolongado. Chegaram ao local e perceberam que não havia nenhum carro na vez se preparando pra sair. “Meu Deus, será que perdemos? Não é possível que aquele corno não nos esperou.”, alguém pensou, em voz alta. “Calma. Deve ter ido pegar alguém. Senão, ele teria ligado.” Dez minutos que se fi-

zeram em 10 anos, mas a Vera-neio creme, reformada de duas batidas e três viradas grandes, virou a esquina, trazendo já quatro passageiros a bordo. O motorista para o carro ao lado dos passageiros e percebe seus olhos súplices. “Edivan, não sabia que era você hoje, na escala.” “Não sou, não. Estou indo pescar. O último carro era o de Queixo-de-Burro, ele saiu cedo, às 17h já tava indo. “Minha nossa senhora, e agora? Como que a gente vai simhora?” A cabeça ferveu. Queixo-de-Burro era o *persona non grata* dos motoristas. Ninguém gostava dele, nem os colegas de profissão e nem os passageiros, e nem a esposa, que, em retribuição à sua miséria, o enfeitou com chifres

eternos, e muito menos a namorada. Esta, sim, o odiava com unhas e dentes, por depender de seu hálito de suvaco pra colocar gasolina na Bis e aparelho nos dentes, o famoso kit-quenga. Era um sujeito desgrenhado e sebooso, grosseiro sempre que podia e afeito às mentiras e a pabulagem (se bem que essa era a parte divertida, colocar ele para mentir e arrotar grandezas). Naquela tarde em que o nosso destino esteve nas mãos de e Queixo-de-Burro, ele não contou conversa. Aproveitou a oportunidade para se vingar de todos nós. E devo dizer que o fez com mestria, pois nos deixou encurralados.

“Calma, vou ver o que eu posso fazer por vocês”, disse o

motorista recém-chegado, com ar apaziguador. “Vou deixar esse povo dos meus *cumpadi* que vão pescar comigo *amais* tarde, venho com o carro vazio e vou deixar vocês em Pombal.” Não havia remédio. Que assim o fosse. Encontramos um banco para descansar as pernas, e sentamos para esperar o retorno do nosso Mestre dos Magos, que, naquela noite, era o único capaz de conduzir aquele rebanho desgarrado de volta pra casa.

Ocorre que, não se sabe se por acaso ou por pirraça, episódios como esse nunca começam ruins para terminar bem. Sempre começam ruins e findam pior ainda. Essa é a matemática infalível das Leis de Murphy. Enquanto uma galera aguardava a chegada de Edivan com a carruagem vazia, reúne-se ao grupo mais quatro adultos, dois casais com duas crianças e um adolescente. A angústia bateu forte porque, numa continha safada, já era possível perceber que tinha ali muito mais gente do que ele teria condições de levar. Mas essa escolha não competiria a nós. Quem seriam os sacrificados? Quando o carro retorna, de longe o motorista já pode ver que estava ali montado o boi de fogo. “Eu acho justo que ele leve as mulheres e as crianças”. “Pois eu quero que se lasque. Eu cheguei antes e não dou minha vez a ninguém.” Cada um defendia um ponto de vista. Todos, claro, querendo preservar a sua própria pele. Era uma situação conflituosa dura de ser administrada. Eu me senti na década de 1990, nos áureos tempos de Sarney, tentando comprar carne no supermercado.

Mas, amigos, o Motorista é sempre o motorista. De suas lidas infundáveis em idas e voltas, ele guarda algo divino dentro de si: o motorista com-

petente sempre tem um lampejo luminescente saindo de sua cartola mágica, para salvar o dia. É meio que um Superman sem capa e sem gel, mas suas luvas, bermuda e pochete guardam em si o mistério de dirimir querelas, por agudas que sejam. “Ninguém vai ficar. Vai dar certo”, cresce o motorista, cheio de atitude. Vocês, aí, *pega* esses *menino pequeno* e *bota* eles *tudo* no colo de vocês.” As mães obedeceram. “Isso. Agora entra aí no meio o senhor, o senhor e o senhor. “*Tá* muito apertado!” “Tu quer ir ou não? Apois deixe de tuas *reclamação*”. “Aí, *vamo* lá,

Cada um defendia um ponto de vista. Todos, claro, querendo preservar a sua própria pele. Era uma situação conflituosa dura de ser administrada

um encosta as costas no banco, e o outro desencosta e vem com a bunda mais pra a beira”. O meio estava organizado. O motorista coçou a cabeça pra pensar melhor. Se afastou para ter uma visão privilegiada do seu empreendimento. “Ei, esse moleque!”(referia-se ao adolescente): “tu vai na mala, *boy*”. Sem contestação nenhuma, o galalau fez que sim, entrou na mala e encolheu os joelhos até quase o pescoço. “Pronto. Nós

vamo botar quatro no banco da frente (só era permitido andar ali até três passageiros, incluindo o motorista. Mas momentos de crise demandam soluções heterodoxas e naquela altura dos fatos o que era permitido nao importava mais).

Eu me sentei ao lado do banco do motorista, era magrinha e, pra ele passar as marchas, se fosse uma pessoa de calibre maior, daria trabalho. “Não. Não, nós *vamo* ter que fazer de outro jeito. Senão não vai caber essa menina. Me diga uma coisa, a senhora dirige Veraneio?” Comecei a rir, achando que era uma piada. Mas diante da ausência de riso do outro lado, entendi que era sério. “Eu sei dirigir, moço, mas nunca dirigi Veraneio assim, não”. “Não tem mistério. Não tem nada demais. Tu vai dirigindo até ali, o assentamento Patativa do Assaré. Quando chegar lá, esse povo desce e eu assumo.” “Moço o senhor tem coragem de dar assim sua Veraneio pra eu dirigir, logo eu, que o senhor nunca viu dirigindo?” “Não, ao contrário. Já lhe vi dirigindo dentro de Pombal e sei que a senhora dirige muito mal. Exatamente por isso sei que a senhora vai ir com cuidado e devagarzinho. A direção tem uma folga e a marcha também, mas a senhora faz uma curva mais aberta. Dá pra desenrolar. O farol só *tá* pegando o alto. Deixe direto que não vai dar problema, não.” “Mas e o senhor, vai aonde?” “Eu vou na mala, junto com aqueles moleque. Um de cada lado e eu entro no meio deles. Quando chegar no canto certo, eu pego da senhora. Se preocupe não, que não vou fugir.”

Tatiana Cunha é mestre em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Funcionária de carreira e gestora de instituição financeira pública durante 18 anos. Atualmente, é estudante de Medicina na Universidade Federal de Rio Grande (Furg) e é paciente oncológica desde 2021.

LER É UM PRESENTE!

A partir de R\$50 em compras
ganhe brindes com estampas de
Violeta Formiga e Gonzaga Rodrigues

Invista **R\$50**
Ganhe um
caderno exclusivo



Invista **R\$100**
Ganhe uma
ecobag estilizada

Invista **R\$150**
Ganhe uma
caneca especial



Não perca essa oportunidade de levar um
pedacinho da cultura paraibana para casa!

Saiba mais 83 99604-0011

@livrariaauniao

Promoção válida até durar o estoque



Livraria

AUNIÃO

Poeta
Juca Pontes

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc

Fecomércio
Senac